

# Trabalhadores gráficos de todo o Brasil: Uni-vos!



## O Trabalhador Gráfico

ORGÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS DE S. PAULO

Redação: Rua da Figueira, 233  
Sede Própria — Tel.: 3-1892

Registrado no D. I. P. conforme Of. SA — 1.824

São Paulo, 7 de Fevereiro de 1923  
Ano XXVI — N.º 174

# 7 DE FEVEREIRO DE 1923

## UM DEPOIMENTO

O transcurso da data de hoje recorda acontecimento dos mais significativos na história das lutas proletárias no Brasil. Por motivos óbvios, entretanto, a data que hoje se comemora é particularmente grata aos gráficos de São Paulo. São já decorridos 24 anos desde o dia para sempre memorável de 7 de fevereiro de 1923, em que a União dos Trabalhadores Gráficos surpreendeu os círculos sindicais do país e a própria opinião pública com a deflagração de um movimento grevista destinado a alcançar êxito inédito em nosso meio, êxito tão assinalado que haveria de determinar, como determinou, as mais amplas ressonâncias em todos os setores do operariado e com salutareos efeitos na arregimentação de seus organismo de classe que então jaziam em completo marasmo, na maior parte do país. De fato, o que mais surpreendeu no magnífico movimento que os gráficos paulistas empreenderam em 23 foram principalmente as circunstâncias em meio as quais se iniciou. Em declínio o movimento operário em quase todo o país, suspensas as garantias constitucionais na Capital da República e outros pontos do território nacional, pesava sobre todos a ameaça da repressão policial.

Foram os gráficos à luta. Porriaram em sustentá-la os denodados grevistas, sob atmosfera de pesadas ameaças, indiferentes às vicissitudes que os aguardavam e por fim conseguiram levá-la à meta da vitória, depois de 42 longos dias de indômita resistência, contra a qual foram inócuos os botes da reação e da perseguição, sempre vigilantes e insones na defesa dos privilegiados. Dissemos e repisamos. O mérito da greve de 23 é que, surgindo em fase de franco declínio do movimento sindical, pôde firmar-se e desenvolver-se em meio às mais difíceis e imprevisas circunstâncias, enfrentando vigorosamente a onda de hostilidade e reação que contra ela se alçou ameaçadora.

Após a premar que no armistício de 18 sacudiu violentamente os pilares do regime capitalista, e que, por toda a parte, levou o movimento de emancipação das massas trabalhadoras a um ponto de ascensão jamais atingido, verificara-se de repente o refluxo: por toda a parte as organizações proletárias afundavam-se na depressão e na desagregação. A própria União dos Trabalhadores Gráficos só há pouco emergira de longo período de inércia em que quase desaparecera.

Evocamos estas circunstâncias para ressaltar a notável singularidade da greve dos gráficos em 7 de fevereiro. O verdadeiro ineditismo de sua planificação, do seu programa de reivindicações, da exemplar disciplina com que foram acatadas as decisões do Comício do Palácio Teatro, na noite memorável de 7 de fevereiro, e sua longa duração, eis o que, a nosso ver, explicam as profundas repercussões que esse movimento provocou em amplos setores do proletariado militante, com as mais salutareas influências, bem como a constância com que permaneceu na memória dos contemporâneos para depois transmitir-se à geração atual. Exemplo do que afirmamos foi sem dúvida a rápida e entusiástica aceitação da idéia, lançada logo depois, no sentido de instituir-se em "Dia do Gráfico" a data de 7 de fevereiro. Desde então, todos os anos vem sendo comemorada a data em todos os recantos do Brasil, do norte ao sul, de maneiras as mais diversas.

### ORIGENS DO MOVIMENTO

7 de fevereiro não surgiu intempestivamente, ao influxo de entusiasmos passageiros e inconsequentes. Ao contrário, teve êle origens remotas e foi o fruto amadurecido

de acurados estudos e esforços. Fundada a 25 de maio de 1919, sob o signo das convulsões sociais que na época empolgavam o mundo, a UTG, inevitavelmente, haveria de participar das efervecências que então arrastavam as organizações operárias para os embates quotidianos. Por toda a parte espoucavam as greves, na maioria movimentos fragmentários, que surgiam sob o impulso da revolta que chamejava nas massas trabalhadoras aturdidas pela sangueira da primeira guerra mundial. Claro que, em dias assim tão conturbados, poucos vagares sobravam para o trabalho de estruturação dos quadros associativos e para o estudo dos problemas de organização ou para empreendimentos de alcance mais profundo. Assim, porém, que os acontecimentos o permitiram, começou a UTG a enfrentar a solução dos problemas que, pelo seu interesse e objetividade, mais insis-

centrar em torno de si o interesse dos gráficos. Verificou-se então penoso e rápido declínio até chegar à depressiva situação em que se encontrava meses antes de fevereiro de 1923.

### INICIA-SE NOVA FASE — REORGANIZAÇÃO DA UTG. — FUSÃO COM A UNIÃO DOS LITÓGRAFOS

Afinal, em julho de 1922, aparecem os primeiros sinais de reatividade. Um pugilo de militantes resolve reagir contra o geral indiferentismo e, em breve, ei-los entregues à tarefa de surgir a UTG. A 23 do mesmo mês o ano realiza-se na sede social, então à rua Quintino Bocaiuva, n.º 73 (2.º andar), uma Assembléa Geral. Em seguida a pormenorizado relato da C. E., delibera-se a escolha da Comissão Reorganizadora. De trabalho que essa comissão realizou di-lo os se-

se a fusão do ramo litográfico, que até então se mantivera em organização aparte, a União dos Litógrafos. A boa vontade e a compreensão mútuas operaram a unidade da família poligráfica.

### MARCHA PARA A LUTA. — A SURPRESA IMPRESSIONANTE DO PRIMEIRO COMÍCIO NO CELSO GARCIA

A 31 de janeiro de 1923, no salão Celso Garcia, realiza-se um comício de cuja ordem do dia constava a discussão do Memorial que seria dirigido ao patronato. O intenso e desusado interesse já então reinantes, atraiu ao amplo local da reunião considerável massa de trabalhadores gráficos, a que não faltou o elemento feminino. Calculada em 3.000 pessoas a grande assistência sobrepôs as mais otimistas expectativas e atestou, nessa altura dos acontecimentos, a determinação com que os gráficos marchavam para a luta.

Não obstante o eletrizante entusiasmo e a complexidade dos assuntos debatidos, a reunião desenvolveu-se dentro da maior ordem. Foi por fim apresentado o trabalho apresentado pela Comissão de Melhoramentos. Resolveu-se igualmente autorizar a Comissão Executiva a redigir um memorial, afim de ser dirigido ao patronato, condensando as tabelas e demais reclamações que acabavam de ser aprovadas, tendo ainda a assembléa, em resolução unânime, estipulado o prazo de 5 dias a expirar precisamente a 7 de fevereiro. Em 2 de fevereiro, é dirigido a todos os industriais gráficos de S. Paulo circunstanciado memorial contendo os itens aprovados na assembléa do Celso Garcia. Ainda que sem a deferência de uma resposta direta, os industriais opuseram violenta impugnação, mas "à boca pequeno". Subestimaram, evidentemente, a capacidade de luta e o valor da organização dos trabalhadores.

Continha o memorial circunstanciada exposição das condições econômicas em que viviam os trabalhadores, além das tabelas de salário mínimo para os diversos ramos das indústrias gráficas e outras proposições relativas à organização do trabalho. Entre essas sobressaia o reconhecimento da União dos Trabalhadores Gráficos, conferindo-lhe atribuições de arbitragem e contrato de trabalho. A título documentário reproduziremos, a seguir, alguns de seus trechos:

"Apreciando a premente situação econômica que atualmente suporta o operariado, situação essa criada não só pela constante e gradativa desvalorização da moeda brasileira como também pelo elevado custo dos gêneros de primeira necessidade e dos alugueres das habitações, considerando que seus salários se eternizam, numa estabilidade desastrosa para o proletariado gráfico, sem nunca ter tido melhorias de salário, quando tudo se elevou assustadoramente — a União dos Trabalhadores Gráficos, advogando os mais legítimos interesses dos seus associados, faz jús a que os mesmos possam, pela justiça, pelo direito à vida, pleitear o que de humano lhes cabe para a estabilidade de sua vida econômica."

E seguiram-se outras considerações que a exiguidade do espaço de que dispomos impedem-nos de transcrever.

### O COMÍCIO DO PALÁCIO TEATRO

Expirado o prazo de 5 dias estipulado no memorial, a 7 de fevereiro realizava-se novo e imponente comício. Desta vez o local escolhi-

do foi o Palácio Teatro, grande casa de espetáculos então existente à avenida Brigadeiro Luís Antônio e hoje desaparecido. Segundo as previsões, já o salão Celso Garcia não comportaria os gráficos que haveriam de acorrer à sua convocação.

Não se equivocaram os dirigentes da UTG, pois formidável foi o número dos que acudiram ao apelo de sua organização para tomar conhecimento da resposta dos industriais e decidir sobre a atitude a tomar na conjuntura. Enorme massa superlotava tôdas as dependências do Palácio Teatro, 5.000 segundo a estimativa da imprensa diária. Marcou época essa formidável demonstração. Aos trabalhadores serviu para afirmar a determinação de luta de que achavam possuídos. Para os industriais constituiu chocante surpresa. Haviam êles subestimado a capacidade de luta, e ativez dos trabalhadores, ou desdenharam dêsses atributos tão humanos e tão legítimos... E não responderam ao Memorial da UTG.

### A LUTA — MALOGRO DE UM "LOCK-OUT" — 42 DIAS DE GREVE

Em face da atitude patronal, aos gráficos reunidos no Palácio Teatro, resolveu-se declarar um único lock-out e este era o da luta. Foi incontinenti declarada a greve, sem discrepância e com entusiasmo, em todos os estabelecimentos de obras de S. Paulo. É interessante notar que o ponto de vista da Comissão Executiva, no sentido de ser adotada a tática de greves parciais, foi estrepitosamente derrotado. Com as greves parciais visava a C. E. experimentar a força dos industriais, que haviam ameaçado com o fechamento coletivo, no caso de a greve atingir um ou alguns dos estabelecimentos.

Entretanto o desenrolar dos acontecimentos mostraria aos líderes patronais o quanto se haviam equivocado na estimativa da capacidade de luta e organização dos gráficos. No curso de seis semanas de greve morderam êles, muitas vezes, o pó da derrota, vendo ruir por terra seus "planos estratégicos". Calcularam o fracasso do movimento no primeiro dia da declaração e eis que os gráficos respondem ao apelo de sua organização com a cessação completa do trabalho em todos os estabelecimentos. Contavam com a derrota dos grevistas, decorridos alguns dias, sob a infalível repressão policial que, no momento preciso, não se faria esperar na defesa da famosa "liberdade de trabalho". Aconteceu, porém, que não houve pretextos para uma fulminante intervenção policial, de vez que a ordem de cessação do trabalho fôra cumprida sem necessidade de aliciamentos ou arruaças. Faltando-lhes a oportunidade esperada, para entrada no jôgo do maior trunfo, recorreram a outros métodos de intimidação. Tornaram ao "lock-out", desta vez a prestações, isto é, ameaça de fechamento periódico e a prazo curto, expediente ridículo porque suas oficinas estavam, de fato, paralizadas pela greve. A primeira manifestação dêsse gênero apareceu nas seções livres dos jornais de 9 de fevereiro, nestes termos: "Os industriais abaixo assinados, reunidos em data de ontem na sede da Associação Comercial de S. Paulo (Centro do Comércio e Indústria), resolveram fechar, em sinal de protesto, os seus estabelecimentos por motivo da greve declarada pela maioria de seus operários. Não obstante convidam uma comissão de operários de cada estabelecimento gráfico para procurar até quarta-feira p., 14 do corrente, diretamente os seus

Conclui na 2.a pág.)



temente reclamavam atenção. Dentre êsses, avultavam o reconhecimento do sindicato, fixação do salário mínimo, limitação do trabalho extraordinário (em defesa da jornada de 8 horas), defesa do trabalho da mulher, regulamentação da aprendizagem e trabalho dos menores, etc., alguns dos quais vinham sendo ventilados pelo "Trabalhador Gráfico" desde seus primeiros números em 1920.

Como medida preliminar, de "reconhecimento do terreno", lançou a UTG, em março de 1920, a idéia do recenseamento dos trabalhadores poligráficos, na capital do Estado. Foi esta, sem dúvida, utilíssima iniciativa, de apreciável alcance e, até então, singular nos meios sindicais do país. Sob o sugestivo título: "Quântos somos e quanto ganhamos?" foi largamente distribuído um questionário ao qual os recenseandos deveriam responder quanto a salários, horários, categorias profissionais, estado civil, sexo, idade etc. Preciosos dados foram colhidos com êste trabalho, tornando-se ulteriormente de grande utilidade.

Em junho de 1920, fez-se a primeira tentativa em favor da elaboração de um programa de reivindicações. Circunstâncias supervenientes determinaram o malogro dêsse tentamen. Daí por diante começou a UTG a sofrer as consequências do brusco abandono de objetivos que haviam logrado con-

quintês trechos do então Secretário da C. E.: "Não há memória, nos anais proletários de São Paulo, de um fato como o que atualmente apresenta a UTG. No escasso tempo de 5 meses a União conseguiu elevar dos 300 associados que então apenas possuía a um número inscrito e identificado de 3.000! A sede social afluem hoje os associados ávidos de livros; manuseiam-se as revistas, os jornais, os folhetos. Opera-se uma vida nova. O gigante adormecido levanta-se, sacode o pó em que se prostrara e retesa os músculos para a luta. Esse foi o trabalho da C. R. As vistas que essa comissão fez às oficinas que não estavam filiadas à União foram coroadas de êxito brilhante. Todo o programa por ela traçado foi cumprido e satisfeitos os seus objetivos."

Retoma-se o fio bruscamente partido. Uma fase de intensa atividade recomeça. Reconstitui-se o quadro de representantes e reiniciam-se as reuniões do Conselho de Representantes. Reunem-se os diferentes ramos das indústrias gráficas, debatem-se os problemas peculiares a cada ramo e em breve estava elaborado um trabalho tão completo quanto possível visando atender os interesses de tôdas as categorias de trabalhadores gráficos em atividade nas casas de obras.

Nesse entretanto um fato auspiciosíssimo ocorrera. Após gestões empreendidas pela C. E. realiza-

# 7 de Fevereiro de 1923

## ASSISTENCIA SOCIAL

do  
Departamento Beneficente do Sindicato dos  
Trabalhadores nas Indústrias Gráficas

### MÉDICOS

#### DR. ANIZ SIMÃO

Clinica geral

Consultas: das 15 às 19 hrs.  
Aos sábados: das 9 às 12 hrs.  
R. Barão de Itapetininga, 297  
3.º andar - Tel.: Consult., 4-7314  
Residência, 7-2581.

#### DR. CARLOS P. DE CAMPOS

Clinica Médico-cirúrgica  
Vias urinárias — Sífilis  
R. Quintino Bocaiuva, 176  
3.º andar, sala 320-A  
(Edifício Arcadas)

Consultas das 16,30 às 18 hs.  
Aos sábados: das 9 às 12 hs.  
Tel. 2-2290 - Resid. tel. 5-5893

#### DR. NESTOR REIS

Pulmões e coração - Radio-  
logia pulmonar

Consultas: das 15 às 18 hrs.  
Rua Xavier de Toledo n.º 46  
3.º andar — Telefone: 4-1241

#### DR. OVIDIO PALUMBO

Medicina — Cirurgia  
Doenças de Senhores

Rua Xavier de Toledo n.º 98  
4.º and. - s/ 41 - tel.: 4-4481

#### DR. JULIO CANSANÇÃO

Nariz, Garganta e Ouvidos

Consultas: das 14 às 18 hrs.  
Aos sábados: das 10 às 12 hrs.  
Praça Ramos de Azevedo, 195  
sob. - s/ 110 - Telef.: 4-2350

#### DR. ARTHUR DE SANTIÍS

Rua Xavier de Toledo n.º 150  
3.º andar — Telefone: 4-5565

#### DR. ERLINDO SALZANO

#### DR. J. A. MOTA BICUDO

GABINETE DE RAIOS X

Consultas: das 14 às 18 hrs.  
Praça Ramos de Azevedo, 195  
3.º andar — Telefone: 4-5057

#### DR. C. MANGIONE

ADULTOS E CRIANÇAS

Consultas: das 13 às 15 hrs.  
R. da Moóca, 237 - Tel.: 2-9187

#### DR. OTAVIO G. TISI

PULMÃO — CORAÇÃO

Consultas: das 15 às 18 hrs.  
Rua Xaxier de Toledo n. 46  
2.º and. - Tel.: Cons.: 4-3864  
Residência: 4-8522

#### DR. JORGE C. WILLMERSDORFF

OCULISTA

Consultas: das 14 às 18 hrs.  
Avenida Rangel Pestana, 2431  
Telefone: 9-2366

#### DR. ALVARO MACHADO

Especialista em doenças  
ano-retais

Consultas: das 13 às 15 hrs.  
Aos sábados: das 13 às 15 hrs.  
Praça Ramos de Azevedo, 195  
1.º sobreloja — Telefone:  
Resid.: 7-2633 - Cons.: 4-4375

#### DR. IVO DEFINE FRASCÁ

Doenças dos ossos — Fraturas  
luxações, etc.

Consultas: Instituto Paulista  
Av. Paulista, 1840 - T.: 7-0015  
Das 15 às 18 horas

Informações na Secretaria do Sindicato

#### DR. BRENO SILVA

Clinica Médica e

doenças do coração

Consultas: das 16 às 18 hrs.  
(exceto aos sábados)  
R. Barão de Itapetininga, 120  
5.º andar - Salas 501 e 502  
Telefone: 4-4299

#### DR. ZID ALBUQUERQUE

Péle — Sífilis — Tumores

Consultas: das 16,30 às 18 hs.  
(exceto aos sábados)  
Rua D. José de Barros, 168  
Telefone: 4-5344

### PARTEIRA

#### Da. LOLA A. PEDREÑO

PARTEIRA DIPLOMADA

Atende a qualquer hora do

dia e da noite — Aplica inje-

ções intra-musculares e endo-

venosas (sob prescrição

médica no domicílio)

Avenida Celso Garcia n.º 3623

Telefone: 3-9122

### DENTISTA

#### DR. OSCAR C. FORNARI

Gabinete na séde do S. T. I. G.

Consultas Das 18 às 22 hrs.

Aos sábados e 4.ªs-feiras:

das 14,30 às 17 horas.

### ADVOGADO

#### DR. LIVIO BARRETO XAVIER

Cons. Jurídico do Sindicato

Escritório: R. Barão de Para-

napiacaba, 61 — 5.º andar.

sala 34-A — Telefones 2-8468

Expediente:

No Escrit.: das 15 às 18 hrs.

No Sindicato: das 20 às 21

hs. — às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs-feiras.

### CASA LIMA

Óculos, Cintas, Fundas, etc.

Desconto de 10% aos

associados

R. S. Bento, 368 - Tel.: 2-3944

### LABORATÓRIOS

LABORATÓRIO DE

ANÁLISES

#### “DR. LUIZ MAGLIANO”

Exame de sangue, Fezes

Bilis, Urina, etc.

Das 8 às 18 horas

Rua José Bonifácio n.º 73

Telefone: 2-0425 (esquina da

Rua Quintino Bocaiuva)

### HOSPITAIS

HOSPITAL E MATERNI-

DADE STA. MARIA DA

CRUZ AZUL DE SÃO

PAULO

Av. Lins de Vasconcelos, 356

Telefones: 7-6433 e 7-7925

#### HOSPITAL “OSVALDO CRUZ”

Rua João Julião n.º 331

Tels.: 7-8281 - Administração

7-6381 - Enfermarias

#### HOSPITAL DO BRAZ

Avenida Celso Garcia n.º 2294

Telefone: 3-4161

### CASA DE SAÚDE SANTA RITA

Rua Cubatão n.º 1190

Telefone: 7-4290

(Continuação da 1.ª pág.)

chefes e declarar-lhes que se acham os operários de todos os estabelecimentos dispostos a retomar o trabalho no dia imediato, ou seja no dia 15. S. Paulo, 9 de fevereiro de 1923”.

(Seguim-se 55 assinaturas).

No segundo grande comício realizado no Palácio Teatro, a 14 de fevereiro (era uma quarta-feira de cinzas) a corporação gráfica, tomando conhecimento do comunicado referido acima, aprovou vibrante moção rejeitando os termos do convite patronal e resolveu prosseguir na greve.

### PRIMEIRAS VITÓRIAS

Nesse mesmo dia 14 de fevereiro registravam-se os primeiros acórdos. Vários patrões aceitavam as condições do Memorial. Entre eles é justo destacar-se o gesto da importante firma Tipo-Litografia Sarcinelli, cujo chefe, o saudoso Primo Sarcinelli, pessoalmente, comparecera à séde da UTG, para assinar o acórdo. De par-com as repercussões simpáticas que despertou entre os trabalhadores, sua atitude atraiu para o importante estabelecimento a animosidade dos colegas industriais, a ponto de moverem-lhe vigorosa ofensiva.

Desorientados com as primeiras deserções verificadas em suas próprias fileiras, os industriais voltam a insistir, em seus habituais comu-

nicados ameaçadores. Uma dessas publicações mereceu referência pelo caráter manifestamente mistificador de que se revestiu. Pretendiam os industriais, nem mais nem menos, induzir os grevistas à crença de que um acórdo geral havia sido concluído entre eles e a corporação gráfica. Eis um trecho dessa publicação: “De conformidade com a resolução tomada pelos representantes de todas as corporações das oficinas gráficas, a Comissão dos Industriais Gráficos de São Paulo, comunica que todos os estabelecimentos se acham abertos para o reinício dos trabalhos”.

O golpe havia sido planejado com alguma astúcia. Graças à vigilância e solidariedade dos gráficos dos matutinos não foram os grevistas colhidos de surpresa. Avisada a C. E. da incrível mistificação premeditada, redigiu-se imediatamente um comunicado da UTG o qual, não sem relutância das empresas jornalísticas, pode ser publicado, lado a lado, com o dos industriais, nos matutinos do dia 7 de março. Não há dúvida que o fato constituiu um dos melhores episódios humorísticos da greve de fevereiro, embora os prejudicados houvessem, então, acimado de “censura vermelha” a atitude dos gráficos dos quadros de jornais. Após esse comunicado, outros apareceram na imprensa diária, sempre no mesmo tom intimidativo e de “ultimatum”.

Vem a propósito uma referência à atitude da imprensa diária, em face do nosso movimento. A princípio cautelosos e tímidos, os jornais noticiaram a irrupção da greve e inseriram uma ou outra notícia, mais ou menos tendenciosa. Mas, a partir de certo momento, silenciaram completamente, estabelecendo-se a conspiração do silêncio em torno do movimento. Houve exceções. Dois ou três jornais, com alguma independência, noticiavam com simpatia os fatos relacionados com a greve. Pois também esses órgãos tiveram que silenciar.

### O “TRABALHADOR GRÁFICO” DIÁRIO

Para romper a censura que envolvia a greve, a UTG lança, a 13 de fevereiro, a publicação diária do seu jornal. A princípio saiu com o título “A Greve”. Tendo, entretanto, a polícia impedido o seu pregão pelos pequenos vendedores, adotou-se o próprio título do nosso órgão o “Trabalhador Gráfico”, cuja publicação se manteve até 24 de março. Daí por diante, por algum tempo, publicou-se semanalmente.

### ESTOURO DA BOIADA

Pouco a pouco enfraquece a febrez resistência. Esboroa-se a frente patronal, construída (isto foi revelado na época) sob a pressão dos grandes sobre os pequenos industriais, dos tubarões sobre os lambaris. A 17 de março 32 grandes estabelecimentos aceitam as condições do Memorial. Finalmente, a 20 de março termina a greve com a rendição dos derradeiros recalcitrantes. O último acórdo fôra exatamente estabelecido, às 20 horas daquele dia, pela firma “Gordinho Braune & Cia.

Venciam os trabalhadores, mercê de sua combatividade e indomável espírito de resistência. Tiveram entretanto de arrostar a reação que se estadeou ameaçadora do primeiro ao último dia da greve. Fustigados pela reação, que a cada passo tentava restringir-lhes os movimentos num círculo de ferro de hostilidades, perseguições e violências das quais uma delas, foi a prisão do secretário geral da UTG e sua remessa para a Capital da República.

O mundo vivia, já naqueles dias inquietos, um período pre-fascista. Alentada pelo trunfo do fascismo na Itália a reação alteava-se em todo o mundo e, forçoso é dizê-lo, encontrava nesta terra o seu “habitat”. Organizações supostamente nacionalizantes, mas na verdade fundamentalmente reacionárias vieram a público durante a greve num esfôrço preparatório da repressão, atraindo suspeitas e odiosidades contra os trabalhadores, ameaçando-os e intimidando mesmo os próprios jornais que a princípio viam com simpatia a causa defendida pela UTG.

Em contra-partida os gráficos tiveram ao lado de sua causa a solidariedade de organizações operárias da Capital, do interior do Estado e do Brasil inteiro e mesmo não poucas do exterior. Entidades e personalidades estranhas ao movimento também lhes levaram, num gesto dignificante suas simpatias.

Belo movimento este cujo aniversário hoje se relembra, que consegue trazer suas ressonâncias até nossos dias e cuja tradição bem merece ser cultivada.

Este 24.º aniversário do 7 de fevereiro encontra o movimento operário do Brasil em rumos tão incertos e tão imprevisos, que bem se justifica este longo e saudoso olhar para o passado.

S. Paulo, fevereiro de 1947.

J. C. PIMENTA

## Onde a aviação falhou

Durante o mês de dezembro último, os nossos companheiros das empresas jornalísticas iniciaram um movimento conjunto visando obter dos seus empregadores melhor remuneração, em virtude do constante aumento do custo de vida.

Isoladamente, as diversas corporações das oficinas gráficas dos jornais obtiveram das respectivas gerências formais promessas de aumento de salários a partir de fevereiro, isto apesar do pacto celebrado entre os gerentes de empresas jornalísticas de não atenderem

às justas reivindicações de seus operários.

Entre os empregadores mais recalcitrantes destacaram-se os dos “Diários Associados” e “Estado de S. Paulo”, chegando mesmo os nossos companheiros deste último a paralisar o serviço, motivo por que o órgão da rua Boa Vista não circulou no domingo, 29 de Dezembro findo.

Felizmente, graças ao espírito de compreensão demonstrado pela direção do “Estado”, o impasse foi solucionado a contento geral, e já na terça-feira seguinte o trabalho foi normalizado em todas as seções daquela grande empresa jornalística.

A nota marcante nesse movimento foi proporcionada pela direção dos “Associados”. Os empregados da cadeia jornalística do sr. Chateaubriand, em represália à negativa da concessão do aumento pleiteado, recusaram-se utilizando-se dum direito indiscutível, a fazer o extraordinário de praxe aos sábados, o que obrigou a gerência a diminuir o número de páginas da edição dominical.

A direção da empresa, no intuito muito louvável de ponto-de-vista patronal, de romper a parede dos seus operários, não andou com meias medidas: fretou diversos aviões para trazer linotipistas do Rio Grande do Sul, do Estado de Minas e de Santos. A providência, porém, não deu os resultados desejados, graças ao espírito associativo e consciência sindical dos companheiros que aqui chegaram, ignorantes do que se estava passando.

Inteirados do que ocorria, a atitude desses gráficos foi uma só: recusaram-se a furar o movimento dos seus irmãos de São Paulo. Os pendores aviadores do sr. Chateaubriand de nada valeram nesta emergência, pois. O que pesou na balança foi a altivez e a independência de caráter dos trabalhadores gráficos, os quais demonstraram que em nada se parecem com certos políticos e seus escribas, que trocam de opinião com a mesma facilidade com que mudam a camisa.

Confere, não é?...

## Departamento Beneficente

Este Departamento, no curso do mês de dezembro p. passado, concedeu aos seus associados e suas famílias 246 consultas, as quais foram distribuídas do seguinte modo:

Clinica geral: consultório: ..	177
Clinica geral: no domicilio . .	34
Oculista .....	17
Pele .....	3
Aparelho respiratório .....	3
Nariz, ouvido e garganta ...	12
TOTAL .....	246

### MOVIMENTO CLÍNICO DO

#### DR. ANIZ SIMÃO

Consultas: consultório .....	151
Consultas: no domicilio .....	31
Curativos .....	8
Entubações duodenais .....	4
Aplicação 914 .....	22
Dosagens de glicose no sangue .....	2
Dosagens de glicose na urina .....	2
Tempos de coagulação do sangue .....	2
Injeções na veia .....	14
Injeções intramusculares .....	30

### GABINETE DE RAIOS X

Dr. J. A. Mota Bicudo	
Radiografias .....	5
LABORATÓRIO DE ANÁLISES	
Dr. Luis Migliano	
Exames .....	5

### AUXÍLIOS CONCEDIDOS

O Departamento Beneficente do Sindicato concedeu, no período compreendido de janeiro a dezembro do ano passado, 21 auxílios, sendo 19 por enfermidade e 2 por falecimentos.

Composto e impresso na  
GRÁFICA  
SANTO ANTONIO LTDA.  
Rua Sto. Antonio, 249-251

### O TRABALHADOR GRÁFICO

Boletim mensal do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas, registrado sob o n.º 1.824

Redação: R. da Figueira, 233  
Telefone: 3-1892

A direção do TRABALHADOR GRÁFICO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos pelos seus colaboradores, que têm ampla liberdade, em seus artigos assinados.

Toda colaboração deverá ser enviada à redação e devidamente assinada, mesmo que seja pedida a publicação sob pseudônimo.

# O desespero do "vaqueiro"

Figueiredo Alvares

Publicou "O Jornal" de domingo último, assinado pelo seu diretor, um dos muitos artigos de combate ao ex-ditador, ressaltando o prejuízo que diz terem trazido à indústria as muitas leis trabalhistas que vieram coibir, em grande parte, a desumanidade dos senhores do capital, obrigando-os a cortar um pouco as unhas afiadas com que dilaceravam o lombo daqueles que eram ou são obrigados a mourejar nas fábricas e oficinas em busca do pão de cada dia. Há no citado artigo pedaços como este: "Só se pensa aqui em elevação de salários, aumento de preços e descanso para o trabalhador. Em numerosas indústrias deixa-se de trabalhar dois dias da semana. Dizia-me, há pouco, um operário linotipista, que não tinha necessidade de produzir mais 2.500 linhas para viver. Bastavam-lhe 1.200. Com uma "Relampago" nas mãos, podendo dar 3.000 linhas em 6 horas, esse homem tira da sua máquina aperfeiçoadíssima quase 1/3 menos do rendimento que ela produz normalmente nos Estados Unidos. Na América do Norte, uma "Relampago" dá entre 3.000 e 3.500 linhas, no mesmo espaço de tempo que no Brasil ela oferece em média 1.200 e 1.500 manejada pelos trabalhadores da era getuliana".

Se o referido artigo fôsse escrito por um leigo em assuntos jornalísticos, certamente eu não lhe daria resposta.

Do princípio ao fim, nele se falava a verdade. Primeiro, porque não existem máquinas de linotipo que produzam, em uma hora 500 linhas, mesmo que o operador se limitasse a repetir-lhe o andamento com o simples manejo da alavanca de funcionamento. Segundo, porque só no Brasil se adota o serviço por tarefa, obrigando o linotipista a um esforço desmedido. Terceiro, porque nenhum linotipista iria dizer ao seu patrão a diminuição propositada de sua produção, mesmo porque desta depende a melhoria de seu salário. Quarto, finalmente, porque nos Estados Unidos, os linotipistas têm salário certo, trabalham seis horas por dia, revezando-se as turmas nesse período de tempo, e nenhum apresenta em 6 horas a produção fantástica que se lhes quis atribuir cavilosamente.

Além desses fatores, ainda existe outro para dificultar o trabalho de tais profissionais em nosso país: a qualidade de originais enviados às oficinas. Nos Estados Unidos, são todos eles dactilografados, não se

admitindo o escárnio que representam em nosso meio, onde se perdem horas e horas na decifração de verdadeiros logógrafos, escritos muitas vezes a lapis, deixando em quem tem a infelicidade de pegá-los um doloroso cansaço.

Lá, as oficinas são arejadas, higiênicas, espaçosas, com refeitórios e salões para repouso, onde, durante dez minutos em cada hora, os operários podem ir repousar das fadigas do seu estafante trabalho, tomar um alimento, fumar um cigarro, ouvir música e notícias pelo rádio. Aqui, o contraste é doloroso. No "O Jornal", por exemplo, trabalha-se no verão com mais de 40 graus à sombra, aspirando os mais mo:íferos miasmas, pela sujeira que domina tôdas as suas dependências onde, há treze anos, não se passa sequer um pano molhado no velho e carcomido assoalho, minado de ratos, baratas, percevejos, pulgas e tôda a sorte de insetos nocivos à saúde de quase uma centena de homens que ali se empregam.

Queixa-se o diretor dos "Diários Associados" das leis trabalhistas da "era getuliana". Jornalistas trabalhando cinco horas! Fala na admiração causada em Londres, ao saberem que era esse o horário dos homens de imprensa no Brasil.

Maior admiração certamente causaria ao repórter do "Daily Express" se o sr. Assis Chateaubriand lhe dissesse que, antes da referida era, não existiam jornalistas profissionais no Brasil porque ninguém poderia viver com os míseros salários que eram pagos a essa classe intelectual. Homens de cultura percebiam 600 a 1.000 cruzeiros e às vezes menos, sendo obrigados a outros afazeres afim de não morrer de fome. E' natural, pois, que na Inglaterra os jornalistas se desdobrem em horas e horas de labor para dar aos seus diários um material capaz de impressionar a opinião pública e determinar a preferência aos jornais para os quais escrevem. No Brasil, não se estimula a capacidade e o devotamento. Premeia-se sempre a sabujice e a vilania.

Para defender os propósitos do sr. Nelson Rockefeller, em estabelecer colonias agrícolas no Brasil, não precisaria o sr. Assis Chateaubriand citar, como relapsas, duas classes que constroem a grandeza de sua vida industrial. Os homens que servem na imprensa do Brasil, quer nas oficinas, quer nas redações, são sim vítimas da desigualdade de tratamento que recebem aqui, quando nos países citados tu-

do lhes é facultado para suavizar-lhes o exercício de suas atividades.

Bem sabemos que boas e más coisas nos trouxeram a ditadura. Entre estas, porém, cumpre ressaltar a benevolência com que eram recebidas as insinuações e pretensões de muitos que hoje se atiram sobre ela, depois de conseguir favores e benesses, à custa de ditirambos e loas dignas de Machiavel.

O desespero do "vaqueiro" é, pois, natural. Ele não pode entrar, de chapéu de couro, vara de ferrão e esporas, no "vasto curral" da exploração em que tinha sido acostumado. As rezas, agora, já sabem se defender dos ataques de seu tradador...

(Transcrito da "Voz do Gráfico", do Rio de Janeiro, de 11-1-1947).

## PROFESSOR JOSE' RESSTEL

As colunas do TRABALHADOR GRÁFICO são sumamente honradas estampando o retrato do distinto professor José Resstel, amigo sincero e dedicado da nossa corporação.



O professor Resstel, cujo aniversário transcorreu a 6 de dezembro último, é merecedor de nossa maior estima pela dedicação sem limite com que vem cooperando na Escola Proletária há pouco inaugurada em nossa sede, onde leciona português, matemática, história e geografia. Este grande amigo do Sindicato é professor do Colégio Stafford e da Associação Cristã de Moços, tendo sido professor de Português, Inglês, Geografia Geral e Corografia do Brasil, na Escola de Comércio "Dr. Veiga Filho".

Possui diploma do Curso Superior de Língua Francesa, expedido pela "Aliança Francesa", desta capital. Atualmente é inspetor de Ensino Comercial junto às Escolas de Comércio "Rui Barbosa", "Duarte de Barros" e "Brasilux", todas de São Paulo.

Além desses títulos que comprovam o seu alto nível de cultura, o professor Resstel é possuidor duma desmedida bondade e de um caráter íntegro, razões pelas quais grangeou entre os nossos companheiros as mais vivas simpatias, a que ele fartamente corresponde, dedicando-se por inteiro a distribuir os frutos de sua inteligência entre aqueles de nós (a grande maioria) que necessitamos espancar as trevas que se aninham em nosso cérebro.

A par de nossas felicitações, enviamos ao ilustre professor o sincero reconhecimento pela valiosa contribuição que nos oferece para realizar a obra cultural que o STIG se propõe levar a cabo no seio da corporação gráfica de São Paulo.

### SOCIOS ENTRADOS NO SINDICATO, DURANTE O CURSO DE 1946

O quadro associativo, no decurso do ano findo, cresceu, sensivelmente, tendo sido inscritos 1.460 novos sócios contribuintes.

Espera o S.T.I.G., no corrente ano, recrutar para suas fileiras um maior contingente de sócios, com o intuito de conseguir sindicalizar a maioria dos componentes da corporação. Outrossim, espera, o STIG que cada gráfico cumpra com seu dever, ingressando, imediatamente, em seu seio, confirmando, assim, o tradicional espírito de união associativa e proletária, sempre, demonstrado pelos gráficos, através a longa e gloriosa existência da inesquecível U. T. G.

# UMA DATA MEMORÁVEL

A data de 7 de fevereiro, que todos os anos comemoramos condignamente, consubstancia-se, sem d'vida, na perpetuação do movimento grevista iniciado no dia 7 de fevereiro de 1923 e na expressiva vitória que, após 42 dias de parede, conquistaram os trabalhadores gráficos, sujeitos, naquela época, a condições de trabalho e de vida humilhantes e precárias.

O 7 de Fevereiro, não só em S. Paulo, mas em todo o Brasil, faz parte integrante dos mais notáveis feitos trabalhistas do país.

Nos dias de hoje, o Sindicato exerce função de grande responsabilidade no cenário econômico e social da Nação, colaborando com os poderes constituídos e combatendo os desmandos daqueles que não sabem cumprir as suas obrigações, recebendo os aplausos das pessoas bem intencionadas e as censuras dos pusilânimes, dos ingratos e despeitados, que só merecem o nosso desprezo.

Nesta época tumultuária de perfídias e loucuras, em que tudo é atração para o abismo, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas, sereno e zeloso, trilha o caminho reto que lhe foi legado e que será transmitido aos que nos sucederem.

Os operários em geral e os gráficos em particular, têm sofrido ultimamente, por parte de vários empregadores, as mais desairosas comparações, no que diz respeito à produção, com os seus irmãos de outras terras, principalmente os norte-americanos. E' natural que os trabalhadores brasileiros produzam a metade ou a terça parte de um americano do norte. Sub-alimentados, sem transporte, ameaçados diariamente de despêjo, entregues sem defesa à

voracidade dos "tubarões" desumanos, exercendo a sua atividade em oficinas que são verdadeiros currais, até que produzem muito!

Também os trabalhadores que têm sabem que os industriais norte-americanos mantêm cooperativas, creches, hospitais, escolas, serviços médicos e financiam a construção de residências para os colaboradores da sua riqueza.

E os empregadores brasileiros? E' bom parar!...

A hora grave que atravessamos, longe de ser razão para desânimo, obriga-nos a cerrar fileiras em torno da nossa organização de classe, cuja força se mede, antes de tudo, pelo número de sócios que a formam e robustecem.

Chama-se chupim um pássaro sem vergonha que vegeta no interior do Brasil, vivendo do esforço alheio, cujo descaramento chega ao ponto de pôr ovos no ninho de outros pássaros, para que os choquem e criem. Pois em nossa classe existem também alguns chupins, que vive à custa do prestígio e do trabalho alheios, colocando acima dos interesses coletivos os seus interesses particulares, com o fito de tirar proveito da confusão.

Companheiros! Ao comemorarmos mais um aniversário da jornada gloriosa de 1923, é nosso dever mantermo-nos unidos e vigilantes, não só contra os burladores das leis trabalhistas mas também contra os Quislings da classe, felizmente em ínfima minoria.

Trabalhar com os gráficos, para os gráficos e pelos gráficos — eis o lema do nosso Sindicato.

L. MARCONDES

## Para que serve a Constituição?

A Constituição, no seu artigo 777 diz: "O AMPARO À CULTURA E' DEVER DO ESTADO"; e ainda no artigo 168 § 1.º "O ENSINO PRIMÁRIO E' OBRIGATÓRIO E SO' SERA' DADO NA LÍNGUA NACIONAL". Todavia, o Brasil, infelizmente, conta com 70% da população analfabeta, sem nenhuma providência ter sido tomada até agora, pelas autoridades responsáveis.

E' de pasmar, para qualquer observador neste assunto, a escassez de escolas no território nacional, principalmente, em lugares afastados no interior dos Estados, onde o ensino muitas vezes é desconhecido pelos que labutam na terra, sem contar a falta de assistência médica e de alimentos necessários, coisa que a Constituição prevê.

Mas deixemos o campo, que é um pantano de miséria e roubo, contra a dignidade humana, e analisemos a Constituição no muito que ela faria, se certos dispositivos legais nela estabelecidos fossem aplicados em benefício da classe trabalhadora.

No mesmo artigo, isto é, o 168 diz o inciso III: "AS EMPRESAS INDUSTRIAIS, COMERCIAIS E AGRÍCOLAS, EM QUE TRABALHEM MAIS DE CEM PESSOAS, SÃO OBRIGADAS A MANTEREM

O ENSINO PRIMÁRIO GRATUITO PARA OS SEUS SERVIDORES E FILHOS DESTES"; entretanto, mourejam nelas grande número de analfabetos, sem que qualquer empregador, principalmente industrial, tenha sido obrigado pelo governo a colocar escola para os seus empregados e arrimos.

Torna-se dessa maneira, mais acessível a classe explorada, a oportunidade de sair desse embrutecimento doloroso, que impede o seu desenvolvimento e o progresso do Brasil.

Como podemos observar, a Constituição, para as massas trabalhadoras do campo e da cidade, não passa de um folheto impresso, onde o pouco que elas poderiam usufruir lhes é sonegado pelos homens da classe abastada, que manejam o governo e que têm em suas mãos o capital.

Os "tais" que nem ligam ao povo, só deles se lembrando nas vésperas de eleições. E falam em Democracia!...

Paremos por aqui; ai vai a primeira pedra, quem quiser que mande uma tijolada.

E saibam todos, católicos e espíritas, ateus etc., que a Constituição foi promulgada em nome de Deus.

ROCHA

## A INSTRUÇÃO E SEU VALOR

Especial para "O Trabalhador Trabalhador".

JOSE' RESSTEL

Disse Victor Hugo, o grande revolucionário francês:

"Para fazer um cidadão, principiemos por educar um homem. Abramos escolas por toda a parte. Não é homem o que não tem luz íntima que a instrução dá: é uma cabeça do grande rebanho, sem ação, que o dono guia — ora para a pastagem, ora para o matadouro. Aquilo que resiste à escravidão, na criatura humana, não é a matéria, é a inteligência".

"Começa a liberdade onde acaba a ignorância".

Todos devem instruir-se, principalmente agora que os homens de moral elevada e verdadeiro patriotismo querem salvar a humanidade das garras de seus exploradores. Somente com a instrução intelectual poderemos compreender a diferença entre o bem e o mal; somente com a instrução poderemos saber quem prega o bem para fazer mal, e quem expõe a verdade, embora nos pareça rude e errada. Todo cidadão que se considera verdadeiramente patriota deve procurar uma escola, e nela aproveitar o máximo possível do que ensinam seus professores, a fim de não se deixar levar pelas opiniões alheias. O homem sem instrução é um pri-

sioneiro da dúvida, da incerteza e da má fé pregada pelos dogmáticos e demagogos. A instrução intelectual é o mesmo que liberdade porque o homem culto está sempre livre das influências malélicas exercidas pelos interesseiros e interessados na exploração do homem pelo homem! Assim, pois, todos devem procurar, hoje mesmo, uma escola e inscrever-se como voluntário na bandeira dos intelectuais, destinada ao desbravamento do sertão da ignorância em nosso país.

Surge, porém, o problema econômico-financeiro, que impede o ingresso, nas escolas, de muitos elementos dotados de boa vontade e que têm sede de saber. Mas, ao menos para os gráficos, em parte esse problema foi resolvido: CRIOU-SE UM CURSO absolutamente gratuito, e que funciona, no STIG, nos Domingos de manhã, e nas 3as. e 5as. de noite. Como se destina, esse curso, a instrução dos trabalhadores nas indústrias gráficas, é acessível a todos os gráficos sindicalizados ou não.

Como se vê, essa iniciativa é de grande valor moral para o país, e deve, por isso mesmo, ser bem acatada por todos, e imitada pelos outros sindicatos.

## O Traidor

Tu que não vês a causa redentora  
Do nosso ideal sagrado e deslumbrante,  
Ouvirás, talvez, voz aterradora,  
Zombando-te a consciência inconstante...

Tudo se olvidará... a terra, a flora,  
O sol, e o próprio lar — ó meigo amante!  
Tudo condenará a enganadora  
Consciência tua, abjeta, vil, tratante.

Ó dignidade nula! ó ser mesquinho!  
Enclausuras-te dentro d'um chagal,  
Eternamente vil, e só — sozinho...

Mordem-te a alma coisas sombrias e mudas,  
Prostrando-te impotente à nossa moral,  
Tal qual a Cristo fez ó horrendo Judas!

ROMULO LOSI

(D'O Trabalhador Gráfico, de 7 de Fevereiro de 1923)



## «Seu» Romualdo fala sobre o casamento

Para O TRABALHADOR GRÁFICO

“Sempre achei que o casamento faz parte da Matemática; é como toda ciência; nem por todos é simpática.

A princípio é muito bom; é a SOMA das ilusões; beijinhos, abraços, mimos, ADIÇÃO de corações.

Complica sempre o problema a esposa ou cara-metade, que nos traz, por consequência, SUBTRAÇÃO de liberdade.

A cousa vai piorando; toma o espôso amargos trilhos. Vem depois o inevitável MULTIPLICAÇÃO de filhos.

A operação não tem fim, e como a cousa vai mal, vem depois a divisão, a DIVISÃO do casal.”

J. M. A.

### ANIVERSARIOS

A 16 de fevereiro completa três anos de idade a menina Magali, filha de nosso companheiro José Fontes Machado, do quadro de Martinelli & Monteiro, e de sua esposa Joana Viadero Machado.

A graciosa garotinha e aos seus

progenitores, as felicitações do TRABALHADOR GRÁFICO.

Festou mais um aniversário no dia 12 do mês passado o companheiro Angelo Aquilino, da seção de off-set da Cia. Litográfica Ipiranga.

Parabens, companheiro Angelo!

10 de fevereiro é a data natalícia do nosso companheiro Leonardo Aquilino, representante da seção de foto-cópia na Cia. Litográfica Ipiranga.

Ao amigo Leonardo os cumprimentos do TRABALHADOR GRÁFICO.

### ENLACE MATRIMONIAL

No dia 11 do passado mês contraiu nupcias com a srta. Ondina Castilho o companheiro Diamantino Merisse, da corporação do Bignardi.

Uma existência feliz e venturosa é o que sinceramente almejamos para os dois pombinhos.

### NASCIMENTO

A 28 de dezembro último, o lar de nosso companheiro Narciso Rodrigues, da corporação do “Diário Popular”, e de sua esposa d. Dianira Rodrigues, foi enriquecido com o nascimento da menina Alba Antonia.

Que a vida sorria eternamente à garotinha e aos seus felizes progenitores, são os votos do TRABALHADOR GRÁFICO.

# Companheiro, não troque a cabeça pelo rabo!

Dizem e todos sabem que o dia é constituído de vinte e quatro horas, as quais foram, naturalmente, divididas para os que habitam este planeta, denominado Terra, mas que parece o Inferno, do seguinte modo: oito horas para o repouso, oito horas para o trabalho e oito horas para alimentar-se, locomover-se e distrair-se.

Aparentemente, parece-nos que essa divisão das horas do dia corresponde à realidade. E, se de fato assim fosse, seria uma maravilha. Teríamos uma existência mais feliz e mais longa. E, os capitalistas ou melhor os que vivem, exclusivamente, da exploração do trabalho humano, não teriam a possibilidade de enriquecer, como acontece atualmente, do dia para a noite. Porque, não dispõem do meio eficiente de conseguir a maior valia, como consequência do excesso de trabalho, isto é, do prolongamento da jornada de oito horas, de São Paulo e de outras cidades grandes nesse gênero de progresso, desenvolvidas no campo industrial, passou a ser jornada normal aquela composta de dez, doze e até de quatorze horas, sob o pretexto de ser necessária maior produção.

A música que tocamos e o instrumento de que nos servimos não são novos. Desde os aureos tempos da famosa UTG quando em 1923 reivindicava para a corporação gráfica paulista melhores condições de vida e de trabalho, dizíamos aos nossos companheiros que o trabalho extraordinário por tempo indefinido foi, e será sempre prejudicial ao operário e de grande valia para o empregador, embora as horas excedentes da jornada ordinária de oito horas sejam pagas pelo honesto empregador, com uma remuneração adicional, não de 25 ou 30% como é costume na maioria dos estabelecimentos gráficos, mas de 50% ou mais.

O trabalho extraordinário encarado sob o ponto de vista econômico para o operário é, sem contestação, prejudicial, contraproducente, pelos seguintes motivos: considerando que o operário X percebe o salário-hora de Cr\$ 5,00 (5,00 x 8 horas é igual a Cr\$ 40,00 diários), trabalhará duas horas extraordinárias com a remuneração adicional de 30% que importam em Cr\$ 26,00 ou sejam 6,50 por hora. Perguntamos: quanto ganhou a mais pelo sacrifício de mais duas horas contínuas de trabalho? Responderão Cr\$ 3,00. Muito bem. Dirá alguém, que não compreendeu ainda este fabuloso negócio, que poderíamos compará-lo com aquele velho e conhecido ditado: “trocou a cabeça... pelo rabo”. Vejamos se temos ou não razão. O operário trabalhou duas horas a mais e, por este fato, chegará a sua casa duas horas mais tarde do que do costume. A esposa ou progenitora e obrigada, por uma questão de dever, seja espôso ou filho, a manter a luz e o lume acesos para assegurar ao homem que trabalhou mais do que do costume, o “farto” jantar. Concluiremos, portanto, que o sacrifício de duas horas de trabalho; o desgaste de energia física do operário; o consumo de luz e carvão ou gás, durante as duas horas e, ainda mais, o sacrifício da espôsa ou progenitora de permanecer no trabalho doméstico por igual tempo, dizemos nós, todos esses sacrifícios somados e mais as despesas, embora pequenas, supra inumeradas da luz e carvão, valem a importância irrisória de Cr\$ 3,00? A resposta, deixamo-la a critério de cada companheiro.

O trabalho extraordinário observado sob o ponto de vista social e de higiene é um desastre clamoroso. Sim, clamoroso e aberrante. Vejamos: o operário que por força do prolongamento de duas horas da jornada ordinária, sem subterfúgio, diminuiu duas horas das horas necessárias de repouso. Quer dizer, não dormirá oito horas, mas sim seis (a diminuição de tempo de repouso poderá acarretar sérias doenças e sofrimentos); chegará a sua casa mais tarde e bastante cansado e, por este justo motivo, ficará privado de participar, pelo menos por uns instantes, de qualquer diversão; não terá vontade de ler e, consequentemente, entrará seu desenvolvimento intelectual; afasta-se, assim, do contacto social, dos seus filhos, companheiros e amigos; ficará impossibilitado de frequentar o Sindicato, ignorando, desta ma-

neira, o que estará ocorrendo na vida associativa e da corporação e que muito lhe interessa como operário que é; e, finalmente, por chegar tarde a sua casa todas as noites, encontrará seus filhos queridos, se os tiver, sempre já dormindo. Isto lhe impede de proporcionar-lhes os carinhos paternos, tão desejados quanto necessários para as crianças. Interpelamos, com toda sacrificada como essa que lhes descrevemos?

— Não! Não!

Então, por que os companheiros não obedecem à orientação do Sindicato, o qual os instrui, no sentido de valorizar o seu trabalho e de conseguir uma existência mais

humana e mais feliz!? Vamos, companheiros! Partamos desta data gloriosa de 7 de fevereiro, a qual evoca os anseios da corporação gráfica paulista, e marchemos, serenos, mas firmes, na luta contra o trabalho extraordinário e façamos que os empregadores nos dêem como compensação um salário condigno, compatível com o atual custo de vida a que nos submetem e continuam nos submetendo todos os nossos exploradores!

Portanto, combatamos, com energia, a prejudicial tendência patronal de compelir-nos eternamente ao trabalho extraordinário e mal remunerado.

P. H. DE FAZIO

## Palavras de incentivo que nos chegam da Argentina

Recebemos da Federación Argentina de Trabajadores de la Imprenta, organização que, como seu nome indica, é a central sindical que controla os sindicatos gráficos de toda a Republica Argentina, efusiva correspondência que nos encheu de contentamento, pois verificamos através de sua leitura o interesse que os nossos irmãos do Prata dedicam aos trabalhos desenvolvidos não só pelos gráficos de São Paulo, mas do Brasil inteiro.

A carta que nos enviaram os companheiros argentinos, a par da satisfação que nos proporcionou, é um poderoso incentivo para que continuemos, nós, trabalhadores gráficos do Brasil, pugnando pelas nossas mais imediatas reivindicações; e, ao mesmo tempo, dedicando-nos ativamente no sentido de estreitar mais e mais os laços fraternais que devem ligar solidamente todos os explorados do ramo gráfico em terras da América.

Retribuindo calorosamente as saudações dos companheiros da FATI, oferecemos aos nossos leitores, na íntegra, e no original, a gratíssima missiva:

Buenos Aires, diciembre, 11 de 1946

Compañero Secretario del Sindicato dos Trabalhadores nas Industrias Gráficas de São Paulo.

Rua da Figueira 233.

SÃO PAULO — BRASIL

Estimado camarada:

Hemos leído con profunda emoción y grande alegría los dos últimos números de “O Trabalhador Gráfico”, de septiembre-octubre uno, y de noviembre el otro. Por ambas ediciones de vuestra combativa publicación nos informamos del mensaje a los gráficos argentinos y de la transcripción del canto de lucha entonado por los camaradas de la Federación Gráfica Bonaerense — la más importante filial de la Federación Argentina de Trabajadores de la Imprenta —, en ocasión de las luchas libradas en el último año con motivo de la renovación de sus convenios colectivos. Reciban los camaradas gráficos de esa bela ciudad las más expresivas congratulaciones de sus hermanos argentinos agrupados en esta Federación, y en

especial modo de los compañeros de la Capital Federal por tan delicada prueba de afecto que transuntan las publicaciones de referencia.

Advertimos a través de su lectura que el camarada Manuel Zerpa — que convivió con nosotros algunos meses en fraternal camaradería y palpó las emociones experimentadas de los episodios de la lucha referida — ha llevado a los camaradas brasileños las expresiones de nuestra simpatía y solidaridad, constituyéndose en el primer lazo de unión y fraternidad entre los gráficos de es gran país hermano y los de esta ribera del Plata.

Una de las informaciones que ha impresionado también profundamente nuestro espíritu y nos ha llenado de optimismo, es la que proporciona vuestra hoja sobre la reunión realizada en Río Janeiro, con representantes de gráficos organizados de diversos Estados, en la que tuvieron efecto trabajos preliminares tendientes a la creación de la Federación Nacional de los Trabajadores de la Imprenta del Brasil. Nosotros saludamos con vivo alborozo tal proyecto y desde ya auguramos el más completo éxito.

Estamos seguros que con esta creación, los gráficos brasileños han de contribuir en grado superlativo y decisivamente para que se convierta en fecunda y magnífica realidad el ideal de confraternidad americana de los trabajadores de la imprenta, concreta en la relación de su unidad continental.

Reciban con tal motivo los hermanos del Brasil, nuestra cálida salutación y sea esta carta el primer paso de las relaciones en que ha de cimentarse el edificio de nuestra solidaridad de clase.

Por el Secretariado, Sebastián Marotta, Secretario general.

## FALECIMENTO

Faleceu, em data de 12 de dezembro último, nosso prezado companheiro Artur Bertrand Filho, da corporação do A. P. de Andrade.

O extinto, que oitava com gerais simpatias no estabelecimento onde exercia a sua atividade, ocupava o posto de suplente na atual diretoria do Sindicato.

A família enlutada os sinceros pesames do O TRABALHADOR GRÁFICO.

## A supremacia do futebol

(Para O Trabalhador Gráfico)

Em alguns países, e notadamente no Brasil, o futebol tornou-se a melhor profissão.

O titular de um grande clube aufere em 2 ou 3 anos o que um famoso advogado não perceberá em toda a sua vida de caudaloso.

Hoje em dia é preferível defender as cores de um poderoso clube que um rico constituinte.

E é, inegavelmente, bem melhor colher aplausos duma assistência entusiasta, que aguardar o veredito de frios jurados, sem contar a vantagemzinha de podermos dizer uns desaforos ao juiz... de futebol.

Há bem pouco tempo, no Rio, atuava como deanteiro do Vasco da Gama um reputado cirurgião, que declarou certa vez aos jornalistas, quando entrevistado: “Em vez de rasgar a pele de um paciente, prefiro hoje rasgar redes com “pelo-taços”.

Troquei o avental de operador pela camisa cruz-maltina. — Dei um “shoot” na Medicina.

Hoje sou médico nas horas vagas, por diletantismo, por esporte...”

Há anos os jornais de S. Paulo noticiaram:

## «Tribuna Gráfica»

Acaba de chegar a nossa mesa de trabalho o primeiro número do órgão do sindicato co-irmão do Salvador, “Tribuna Gráfica”.

Nas suas colunas encontra-se farto noticiário sobre a última greve dos gráficos baianos, além de colaborações várias, abordando assuntos do maior interesse para a corporação em particular e para o proletariado em geral.

Desejamos a “Tribuna Gráfica” uma longa existência toda ela votada à defesa dos interesses da classe operária, e enviamos aos camaradas do Salvador o abraço proletário de seus irmãos de S. Paulo.

“Chega a esta Capital, pelo trem das 19,30 horas o dr. Zoroastro G. Fultosa, grande cientista brasileiro.

O dr. Zoroastro, por conta do governo brasileiro, realizou importantes estudos na Europa, descobriu nos Laboratórios de Pesquisas dos Est. Unidos uma nova e extraordinária vacina contra a malária, bem como revolucionará a Pediatria nacional com a descoberta de um novo preparado, de grande eficácia, destinado a combater a meningite...”

Fui à estação, aguçado pela curiosidade de conhecer o famoso cientista.

Uma enorme onda de povo ocupava toda a gare.

Jornalistas, fotógrafos, figuras representativas...

Chegou o trem.

De um carro de 1a. classe, rodeado de pessoas, desceu um sujeito bem vestido, pernóstico, sorridente e... de côr escura.

?!...

Ouvi saudações e vivas, e só então percebi meu engano.

Aquela multidão não viera receber o dr. Zoroastro.

Aquela recepção ruidosa e entusiástica não era ao sábio brasileiro e sim ao Leônidas, ao “Diamante Negro”, ao famoso futebolista “colored” que por verdadeira fortuna vinha integrar o S. Paulo F. C.

E lá adiante, de outro carro, sem alarde, recebido apenas por 3 ou 4 amigos, desceu o cientista de projeção mundial, apagado por um mero jogador de futebol, que, para receber aquela apoteótica manifestação, não precisou descobrir novos preparados terapêuticos e sim o processo de marcar “goal” de “bicicleta”...

Decepcionado, vi o automóvel do famoso médico afastar-se, deslizando silenciosamente pelas ruas molhadas por uma chuvinha enervante que caía do céu como que escorrida...

João Martins de Almeida

# VAMOS ESTUDAR, SIM?

São nove horas da manhã destes últimos domingos. A temperatura está abafada. O calor é de amargar. No céu azul algumas nuvens escuras começam a aparecer, prenunciadoras de temporal. Na praça Sé, o movimento de pedestres não é grande. Justifica-se: é dia de descanso para os escravos modernos, os operários. Em volta das bancas de jornais grupos de curiosos "filam" a leitura dos cabeçalhos dos jornais, cheios de "manchetes" berrantes.

Compro um jornal numa das bancas e aproveito a oportunidade para dar uma espiadela nos outros ali expostos. Desdobre o meu periódico e cêro os olhos pelos títulos. Nada acho de interessante. O mesmo que ontem. Política, políticos e politiquinhos. Do que interessa ao povo, nada. Aborrecido, sem ter o que fazer até a hora do almoço, lembro-me do Sindicato. Quem sabe se encontro lá alguém com quem "bater um papo"? Tomo o bonde e desço na rua da Figueira.

A porta da sede está semi-aberta. Avanço, pelo corredor interno, e na sala da tesouraria, deparo o Branco, atarefado como sempre, às voltas com os recibos. Após o bom-dia recíproco, aceito um cigarrinho que ele me oferece. Notei que da sala de reuniões chegam apagados sussurros. Para lá me dirijo, curioso. Confesso que fiquei surpreso com o que vi. Em volta de uma longa mesa, quinze ou vinte companheiros, de lapis em punho e tendo à sua frente um bloco de papel, acompanhavam interessados as explicações que no quadro negro ia-lhes fornecendo um jovem loiro, que no quadro negro lhes ia fessor.

Num canto da mesa vejo um "cara" muito conhecido, o De Fazio, que seguia atentamente a exposição. Aproveito

— Não é negócio, é uma escola, respondeu-me.  
— Escola? Como é isso?  
— Escola, sim senhor. É um curso recém-inaugurado no Sindicato.

uma pequena pausa e perguntou ao "Baixinho":

— Que negócio é este?  
— Muito bem, folgo imenso com isso, mas quais são as

condições para se ingressar nessa escola?

— Nada de condições — retruca o De Fazio — apenas é necessário ser associado do Stig.

— Bem bom, bem bom.

— Claro que é bom. Até você, João sem Pão, deve inscrever-se e assistir às aulas, pois, segundo me parece, não é muito forte no português.

— Sem dúvida, meu amigo. Burrice aqui é mato — responde rindo.

— Mais uma razão. É bom que saibas que o nosso professor, além das lições de português, também nos ensina Geografia, História e Matemática. Os cursos são totalmente gratuitos, para os associados subentende-se.

O diálogo foi interrompido por insistentes "chius". A lição recomeçava. E enquanto o professor explicava a seus alunos, alguns deles abeirando-se dos cinquenta anos de idade, o que é um substantivo primitivo, eu fiquei matutando o quanto de grandioso representa para os associados do Stig essa iniciativa de proporcionar maiores conhecimentos da lingua-mater e de outras matérias aos operários gráficos.

É uma falha que não podemos ocultar o pequeno grau de instrução da maioria dos profissionais gráficos, e, em consequência, redobra de valor a iniciativa da Vanguarda dos Trabalhadores Gráficos de oferecer aos demais companheiros meios de aumentarem o cabedal de saber e de cultura imprescindível à criação humana.

Resta agora que os associados se compenbrem da importância de tão simpático empreendimento e correspondam à boa vontade e desinteresse do professor Resstel, que espontaneamente, guiado apenas pelo seu espírito de solidariedade, pôs à disposição dos associados do Stig os seus vastos conhecimentos no campo educacional e cultural.

A escola, pois, companheiros! Nunca é tarde para estudar!

João sem Pão

## AVANTE, COMPANHEIROS!

Neste 7 de Fevereiro, data gloriosa dos trabalhadores do livro e do jornal, dia de intenso júbilo para todos quantos mourejam na indústria poligráfica, a diretoria do STIG envia a sua saudação fraternal à corporação gráfica paulista, pela passagem de mais um aniversário da grande jornada que ficou para sempre assinalada nas páginas da história das lutas proletárias no Brasil.

Essa saudação fazemo-la extensiva aos nossos irmãos de trabalho que de Norte a Sul do país empregam os recursos de sua inteligência e a força do seu braço nos diversos ramos em que atualmente se divide a sublime arte que legou à humanidade o genial Gutenberg.

Nos dias que correm, em que o proletariado brasileiro, após longos anos de um regime discricionário, durante o qual os sindicatos operários estiveram fortemente manietados com as algemas do nefasto Estado Novo, começa a rasgar as trevas em que taceu pelo "curto espaço de quinze anos", o 7 de Fevereiro mais e mais se agiganta em nosso pensamento de trabalhadores conscientes que

sabem para onde vão e os direitos que lhes são devidos pelos exploradores do seu esforço diuturno.

Lançando um olhar sobre o passado, remembering a batalha gigantesca que nos idos de Fevereiro de 1923 os nossos companheiros travaram com o patronato da indústria gráfica, façamos com que este 7 de Fevereiro de 1947 seja o clarim altivo e vibrante chamando o proletariado gráfico de todo o Brasil ao cumprimento do dever, conclamando esse exercício de trabalhadores que dia e noite mourejam dentro dos estabelecimentos a engrossar as nossas fileiras, para que a nossa organização possa transformar-se num futuro próximo na trincheira intransponível diante da qual irão esfacelar-se a prepotência e a arrogância dos nossos eternos exploradores.

Salve o 7 de Fevereiro! Pela conquista de nossas reivindicações! Por uma vida mais digna! Todos os gráficos dentro do Sindicato! Marchemos, unidos e coesos, firmes e resolutos, até a vitória final! Gráficos de todo o Brasil, avante!

## Greve, arma do trabalhador

Com a boca torta pelo uso do cachimbo da ditadura, as nossas classes conservadoras ainda não compreenderam, dentro do novo regime, que a greve, como o voto, é uma arma de defesa que os trabalhadores podem usar livremente numa democracia. Tanto não compreenderam que, não obstante estar esse direito assegurado na Constituição de 18 de setembro, as greves continuam a ser para o patronato meros casos de polícia. Disso vemos diariamente exemplos, cada qual mais denunciador do espírito reacionário e intolerante com que são recebidas essas manifestações de protesto e de descontentamento dos operários. E em nenhum só caso ainda se viu qualquer demonstração de escrúpulo, por parte das autoridades policiais, ao intervir nas divergências que têm resultado na paralisação do trabalho. Nessas, têm encontrado sempre os empregados fieis aliados na defesa de seus interesses discutíveis, numa ação evidentemente parcial, de que resultam quase sempre violências, prisões e maus tratos inadmissíveis num país civilizado.

Não temos dúvida de que tudo isso resulta dos maus ensinamentos recebidos durante os longos anos do regime autoritário de que ainda não nos livramos de todo. É certo, porém, que uma coisa já era tempo de ter sido compreendida. É esta que a exploração que se tem feito em torno das greves, surgidas principalmente na atividade industrial, atribuindo-lhes propositos de agitação política feita por conta de outrem, é argumento que já não impressiona ninguém e que visa simplesmente justificar medidas arbitrárias e violentas.

Diz-se que as greves entre nós são fomentadas e dirigidas pelos comunistas, geralmente identificados pelo Serviço Secreto da Polícia Política como "indivíduos sem profissão, a

serviço de credo importado". Quer nos parecer que já é tempo de se dar um tiro definitivo nessas balelas com que a policia política procura justificar a sua utilidade. Comunistas, no Brasil, há muitos, todos sabemos. Mas todos eles são homens que têm ocupação certa e que vivem às claras desde que o seu partido passou à legalidade. Não temos procuração dos comunistas, nem é nossa intenção fazer aqui a defesa de suas atividades políticas. Mas como jornal independente que somos, não podemos deixar de identificar a verdade onde quer que ela esteja. Tanto mais se tratando de assunto como este de que nos ocupamos, que diz respeito a uma grande parcela da coletividade brasileira, que são os trabalhadores.

Fazendo essas considerações em torno do direito indiscutível de greve nos regimes democráticos, queremos chamar a atenção dos leitores menos avisados para o que ocorre neste momento na Inglaterra. Despachos telegraficos de Londres, ainda ontem divulgados com destaque em todos os jor-

nais brasileiros, dão-nos conta da onda de greves que se estende por todo o território das Ilhas Britânicas, sem que as autoridades daquele país façam a mais leve insinuação a qualquer influencia de agitadores estranhos, interessados no clima da desordem. A mesma situação vimos desenhada pelas notícias telegraficas, faz pouco tempo, nos grandes centros industriais dos Estados Unidos. E ainda aí não se levantou nenhuma acusação contra os comunistas. A anormalidade foi encarada como fruto de desajustamentos e injustiças, e como tal apreciada objetivamente, quer pelas partes interessadas, quer pelo governo.

Por que não se acabar, também no Brasil, com essa história de se meter a policia política entre operários e patrões, sempre que surgem desentendimentos de ajuste de trabalho? Já é tempo de se pôr a inteligência e a razão a serviço do progresso e da ordem social em nossa terra!

(Transcrito do "Jornal de Notícias" de 15-1-1947)

## O KRUMIRO

O Trabalhador Gráfico, de 7 de Fevereiro de 1923, publicou o seguinte, sob o título acima: "Vês? Ele aí passa... Sua silhueta é inconfundível. Incapaz de suportar os olhares francos dos homens íntegros, baixa a cabeça quando divisa algum dos atraídoos por ele.

Sua ação indigna foi cometida com fins lucrativos; fez-se aliado do patrão na esperança de ser por ele recompensado, e na realidade o foi (como merecia) mais depressa do que pensava, pois que muito brandamente lhe "amarraram a lata" deixando-lhe ao mesmo tempo livres as ruas para passear.

Muito submisso e com gestos de resignado, anda de porta em porta, oferecendo-se, como as meretrizes em decadência.

Por qualquer coisa, ainda que seja pelas sobras da cozinha.

\*\*\*

Desprezado por todos, curvado ao péso da sua culpa, sem vontade para reagir, é o morto que caminha, tão bem descrito por Florêncio Sanchez.

Despreza-o!  
Evita o seu contacto!  
É um vendido.  
Deixa-o só com o seu remorso!  
Ontem como hoje...

## Nossos agradecimentos á Cia. Melhoramentos de S. Paulo

É com a maxima satisfação que registamos aqui a valiosa oferta que fez ao nosso Sindicato a direção da Cia. Melhoramentos de S. Paulo, a grande empresa editora que honra sobremaneira a industria gráfica de nosso país.

As "Edições Melhoramentos", querendo colaborar no novo empreendimento do Stig, a criação duma Escola Proletária para os trabalhadores do ramo gráfico, enviaram-nos um Mapa-Mundi e um mapa político do Brasil, demonstrando por essa forma o interesse dos dirigentes da grande empresa por tudo quanto se relaciona com o alevantamento do nível do povo.

Em nome dos que labutam na indústria gráfica paulista, apresentamos os mais efusivos agradecimentos às "Edições Melhoramentos", formulando sinceros votos de prosperidade da empresa, para gaudio dos que almejam o progresso constante do grau cultural dos filhos do Brasil.

## Movimento da bibliotéca

Durante o mês de dezembro p. passado foram retirados de nossa Bibliotéca 115 livros, conforme discriminação seguinte:

Romances, 20; Contos, 10; Educação, 8; Política, 7; Literatura, 5; Ciências, 5; Viagens e impressões, 4; Poemas, 5; Poesias, 4; Didática, 5; História, 10; Novelas, 6 Memórias, 5; Filosofia, 6; Economia, 6; Sociologia, 4 e Biografia, 5.

### LIVROS OFERECIDOS À BIBLIOTECA

O associado Caetano Cassaroli ofereceu à Bibliotéca do STIG uma série de interessantes romances em idioma italiano, de autores famosos como Dumas, Montepin e outros. Agradecemos ao companheiro Cassaroli.

O companheiro José Aldrighi ofereceu à nossa Bibliotéca 8 romances. Agradecemos ao companheiro Aldrighi.

O companheiro Humberto Gibin ofereceu à Bibliotéca os livros seguintes: Romances de Joaquim Manuel de Macedo; As Mulheres Pródigas, de Nancy Hale; Vidas sem Destino, de Maritta Wolff; Ressurreição, de Leão Tolstoi; Sebastopol, de Leão Tolstoi; Ilusões Perdidas, de Honoré de Balzac; O Capitão Paulo, de Alexandre Dumas; A Bôca do Inferno, de Alexandre Dumas; Recordações da Casa dos Mortos, de F. Dostoievski; Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antonio de Almeida; e Carsten, o Curador, de Theodor Storm.

Ao companheiro Humberto Gibin nossos sinceros agradecimentos, com nossos votos para que outros associados imitem essa demonstração eloquente.

# Aprovados os Estatutos da A. G. E.

## A CONSCIENCIA DE SER NEGRO

LINO GUEDES

(Para O Trabalhador Gráfico)

Sabe-se que uma das armas usadas em Minas, durante a campanha eleitoral de 1945, contra o dr. Bias Fortes, era chamada de negro.

Mas descender dessa raça cujo sangue em nada difere daquele que corre nas veias de um branco (disse S. Excia., comovido numa manifestação que lhe era feita) é ser sustentáculo das mais ilustres árvores genealógica postadas entre as diversas gerações que formam o patriciado nacional.

Não quis, talvez, o ilustre homem público de Barbacena usar de franqueza rude afirmando que os braços da fidalguia brasileira foram forjados nas senzalas.

O negro é no Brasil parte integrante dos principais capítulos de sua História, os quais se resumem em Guararapes, Inconfidência, Independência, 15 de Novembro, Monte Castelo e muitos outros que seria enfadonho enumerar.

Pensar que se deprime o filho de um desbravador dos eitos, chamando-os, desprezivelmente, de negro, é não ter noção alguma do valor daqueles por quem

Isabel, para libertá-los, perdeu o trono.

\* \* \*

Fere a vista o contraste, que o negro apresenta.

Não há dúvida.

Ninguém contesta essa verdade.

Importante nisso tudo, é encarar de frente essa diferença.

Apaga-la de vez da memória.

Achar uma formula pela qual se evite que esses altos e baixos possam interceptar os nossos passos na larga estrada que palmilhamos, interferindo na questão de viver, sempre juntos, pretos e brancos, combinando o bom e eliminando o mau do coração de cada um para se conseguir, dia a dia, um mundo melhor.

Negro — dito assim com um ar superior, de quem vê tudo vertical, é outorgar a si proprio um atestado de ignorância.

Sejamos brasileiros, respeitemos as leis que balisam os destinos do país, sem perder a consciencia do que realmente somos — negros, acima de tudo.

## Constituída a sua Diretoria

O Departamento Recreativo do Sindicato (A.G.E.) já é uma promissora realidade. Na assembléa geral extraordinária realizada em 21 do mês passado, foram aprovados os seus Estatutos, e, por estes dias, será solicitada a inscrição respectiva na Leci.

É pois, mais uma iniciativa vitoriosa, que muito concorrerá para atrair para as fileiras do Stig, os gráficos amantes do esporte.

A primeira diretoria da A. G. E. ficou assim constituída:

Presidente: Francisco Marcondes.

Vice-Presidente: Artur Benavente.

1.º Secretário: Luiz Espósito.

2.º Secretário: Luiz Ciasca.

1.º Tesoureiro: Carmino Foresta.

2.º Tesoureiro: João Mairena.

1.º Diretor esportivo: Gabriel Bonel.

2.º Diretor Esportivo: Orlando Bartijotto.

Companheiros esportistas! Prestígiai a A.G.E., inscrevendo-vos nos seus quadros esportivos.

## QUADROS

Os quadros oficiais representam para a Corporação o que os Nação.

Não pode haver uma nação bem organizada, livre e democrática se os seus municípios não têm a organização devida.

Também jamais teremos a nossa Corporação devidamente organizada se os quadros oficiais não o estiverem.

Nas pequenas reuniões de quadros todos podem manifestar-se porque, achando-se, cada um, como se estivesse em família, ninguém deve sentir coação alguma em o fazer.

Hoje que a mentalidade proletária se vai desenvolvendo — e bem tarde... — quando as nossas próprias e dignas companheiras de trabalho, rompendo com velhos preconceitos, já vão compartilhando da nossa vida social, companheiro nenhum, seja com que pretexto for, deve deixar de comparecer a essas reuniões.

Esquivar-se a elas é uma falta grave, mas quando, e principalmente, há divergências a sanar

esse não comparecimento é uma verdadeira traição aos seus companheiros.

Todo companheiro consciente deve evitar os comentários inúteis, maldosos, nocivos e perniciosos dentro das oficinas, cujas consequências são sempre prejudiciais para a nossa organização.

Nos assuntos que tratarmos devemos sempre procurar a maior elevação moral e cultural social e lembrarmos-nos de que a nossa própria dignidade proletária exige que tudo que digamos tenha explicação, para assim não cairmos no caso daquele preto estadunidense que ao requerer o divórcio, alegando que sua mulher falava, falava, falava e interrogado sobre o que ela, finalmente, falava, respondeu: fala de nada, sr. juiz...

Compareçamos, pois às nossas reuniões de quadros, acatemos as resoluções ali tomadas livremente por todos nós e prestigie-mos os nossos representantes ali eleitos por nós mesmos.

C. R. DE CASTRO

## Devolvam os livros à Biblioteca!

Nelson Laporta — "O Conde de Monte Cristo", retirado em 13-21-44.

Francisco Batista dos Santos — "O Volga desemboca no Mar Cáspio", retirado em 6-7-45. (Da Produtos Quím. Guarani).

José Menin Toledo — "A Alegria do Capitão Ribot", retirado em 20-8-45.

Erasmo Pereira de Araujo — "Analfabetos Ilustres", retirado em 15-9-45.

René Silva — "Por quem os Sinos Dobram", retirado em 27-10-45.

Aparício de Moraes — "O Poder Soviético", retirado em 20-11-45.

Carlos Andreasen — "Aventuras de Tom Sawyer", retirado em 26-11-45.

Mario Bartolini — "Sonho de Léa", retirado em 11-2-46.

Celino Bamo, da Casa E. Carvalho — "O Exército Vermelho", retirado em 2-4-46.

Avelino Cesario Soares, da Casa Irmãos Vitale — "Segunda Viagem de Saint-Hilaire", retirado em 20-4-46.

Mafalda Léiz, da Casa Graficars

— "Garôa de minha Vida" e "O Primeiro Olhar", retirados em 22-6-46.

Henrique Piqueiro, da Casa Copag — "Assassinato de um Industrial", retirado em 1-7-46.

Dobina de Campos, da casa Ostrensk Ltda. — "Bahia de Todos os Santos", retirado em 3-8-46.

Ida Fernandes, da Casa Ipiranga — "Estudos de Português" e "Língua Inglesa", retirados em 17-8-46.

Américo Luiz, da Casa Graficars — "Pedro Jangadeiro", retirado em 3-9-46.

Antonio Sobral, da Casa Alexandre Dalmon — "Poemas e Canções", retirado em 21-9-46.

Francisco Gomes, da Casa Copag — "Florita" e "Valenciana", retirados em 25-9-46.

José Moya Barbedo, da Casa Helio Soderi — "Anais Paulista de Medicina", retirado em 26-9-46.

Aniello Vedrani, da Casa Graficars — "Roteiro do Oriente", retirado em 27-9-46.

IMPORTANTE — Informamos às pessoas mencionadas nesta lista que devem devolver os livros no prazo máximo de 15 dias; caso contrário, indenizarão o valor dos mesmos.

O BIBLIOTECARIO

## Belo gesto da Quimiográfica Radium

Uma comissão de companheiros que trabalham na firma acima, de propriedade do sr. Humberto Rebizzi, procurou O Trabalhador Gráfico, com o objetivo de externar por meio destas colunas, a sua satisfação pelo gesto elegante que a empresa referida teve para com aquela corporação.

A direção da Quimiográfica Radium, numa demonstração eloquente do seu espirito humanitário e altruista, concedeu espontaneamente uma polpuda gratificação de Natal a todos os seus empregados, sem distinção, satisfazendo plenamente aos nossos companheiros.

Registrando o fato, felicitamos sinceramente ao sr. Rebizzi, e apontamos o seu exemplo aos empregadores que não souberam imitar o seu "beau geste".

## Novo colaborador

O TRABALHADOR GRÁFICO sente-se ufano de poder apresentar aos seus leitores uma colaboração magnífica, escrita por um talento de escol. Trata-se da poesia "Papai Noel... falso", inserida na primeira página do último número do nosso jornal.

A apresentação deste novo colaborador, por um lapso da redação não foi feita no momento.

João Martins de Almeida, jovem poeta e jornalista, redator-chefe da "Tribuna do Norte", veterano órgão da imprensa paulista que se publica em Pindamonhangaba — formosa e hospitaleira cidade do Vale do Paraíba — com a gentileza que lhe é peculiar, prontamente atendeu ao nosso pedido e mensalmente, como hoje o faz, presenteará os nossos leitores, burilando com o cinzel cintilante de sua pena, peças literárias, em prosa e verso.

AVISO AOS ASSOCIADOS

Avisamos aos srs. associados que a partir do mês entrante todos aqueles que estiverem com mais de 3 mensalidades atrasadas serão, de conformidade com os Estatutos, considerados desligados do quadro social.

## Solucionado o caso da «Copag»

Teve um desfecho altamente honroso e condizente com as aspirações dos companheiros atingidos pela transferência das secções de tipografia e impressão da Cia. Paulista de Papeis e Artes Gráficas à firma Assunção Teixeira, a situação criada em consequência desse fato.

Logo que foram notificados pela direção da COPAG da transação efetuada com os proprietários da Papelaria Riachuelo, os operários que integram ambas as secções (tipografia e impressão) em numero superior a quarenta, dirigiram-se ao Sindicato no intuito de se orientarem quanto às medidas que se tornavam necessárias para salvaguardar os proprios direitos, em face das leis que regulamentam as relações entre empregados e empregadores, aplicáveis ao caso.

A diretoria do Stig imediatamente tratou de adotar as medidas indispensáveis acatadoras dos interesses daqueles companheiros e orientou-os de maneira a fazer com que da referida transação não viessem a resultar prejuizos para os mesmos. Nesse sentido, entrou em entendimentos com a firma vendedora e com os novos proprietários, visando conseguir um acôrdo aceitável por ambas as partes, excluindo-se assim a necessidade de recorrer à Justiça do Trabalho.

Os entendimentos prolongaram-se por alguns dias, dentro dum ambiente da maior cordialidade e, finalmente, no dia 24 de dezembro, à tarde, os nossos companheiros receberam das mãos do sr. Augusto Gonçalves, na sede do Stig, a indenização que havia sido

previamente estipulada, na presença dos advogados da firma e do sindicato e bem assim dos novos proprietários, srs. Assunção Teixeira.

A solução do impasse surgido entre os empregados da COPAG e seus proprietários é uma vitória a assinalar na vida de nossa organização, para cuja

consecução muito concorreu a boa vontade demonstrada pelos srs. Assunção Teixeira, garantindo a estabilidade a que têm direito os operários que passaram para a sua firma.

Parabens a empregados e empregadores pela feliz solução encontrada.

## Trabalhadores do Brasil! Uni-vos!

Terminado o movimento paradedista iniciado no dia 7 de Fevereiro, O Trabalhador Gráfico de sabado, 24 de março de 1923, deu à publicidade, sob o titulo acima, o seguinte comunicado:

"A União dos Trabalhadores Gráficos — ao terminar a luta que em defesa do bem-estar e da dignidade do proletariado

## Muito bem, sr. Lanzara!

Nossos companheiros da "Graphicars" pleitearam aumento de salarios, tendo apresentado uma tabela ao sr. Lanzara, quem, por sua vez, ofereceu uma contra-proposta que não satisfiz à corporação.

Após várias demarches, que se prolongaram por varios dias, o sr. Lanzara acabou concordando com o pedido feito pelos nossos companheiros, concedendo o aumento pleiteado a vigorar desde 1.º de Janeiro.

A feliz solução do impasse causou viva satisfação entre os companheiros que trabalham na "Graphicars". Destas colunas felicitamos sinceramente o sr. Lanzara pelo alto espirito de compreensão que, mais uma vez, acaba de demonstrar.

do livro e do jornal se empenhou pelo espaço de 21 dias — envia ao proletariado militante desta Capital, do Rio de Janeiro e de outras localidades do Brasil, suas fraternais saudações e agradecimentos pela bela e valiosa solidariedade que nos prestaram as suas organizações, trazendo aos irmãos de sofrimento, no instante crítico em que nos batiamos contra a feroz reação dos nossos exploradores, o seu concurso material inestimável para a vitória da nossa causa.

Afirmando a sua inabalável confiança no poder da solidariedade e da organização proletária, a União dos Trabalhadores Gráficos dirige um fervoroso apêlo aos militantes operários do Brasil e particularmente de São Paulo, para que, aproveitando os ensinamentos da greve de que acaba de sair vitoriosa a classe gráfica paulista, se empenhem todos numa obra serena, sistemática e constante de reconstituição orgânica de todas as classes trabalhadoras, afim de que possam desenvolver em breve uma ação eficiente em prol da emancipação econômica e moral do proletariado.

Palavras escritas há 24 anos e que nem por isso perderam a oportunidade.

# ESTATUTOS

## do Departamento Beneficente do S.T.I.G.

Aprovados na Assembléia Geral realizada em 21 de Janeiro de 1947

Art. 1.º — A finalidade do Departamento Beneficente é proporcionar aos associados, no exercício da profissão ou aposentados, e suas famílias, exclusivamente dentro da área da Capital, os seguintes benefícios:

a) — Socorros médicos, cirúrgicos, jurídicos, odontológicos, obstétricos, exames de laboratório, radiográficos etc., sendo os exames de laboratório e radiografias somente concedidos quando solicitados por profissional do quadro clínico do Departamento.

b) — Tratamento hospitalar aos enfermos, quando o seu estado de saúde o exigir;

c) — Auxílio por enfermidade.

§ 1.º — Ao associado enfermo por mais de trinta dias, que apresente comprovante da firma empregadora, com o "visto" do representante do Sindicato junto à respectiva corporação, de achar-se afastado do trabalho, lhe será concedido um auxílio pecuniário consistente em 30 diárias de Cr\$ 12,00 (doze cruzeiros);

§ 2.º — O associado que sofrer acidente no trabalho e for hospitalizado não gozará dos benefícios mencionados no parágrafo acima.

§ 3.º — Ajuda para funerais, da quantia de Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros), independente do auxílio prestado pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, sendo o féretro acompanhado por uma comissão de sócios.

### DIREITOS DOS ASSOCIADOS

Art. 2.º O associado quite com os cofres sociais tem direito a:

§ 1.º — 6 meses após a sua admissão:

a) — Consultas médicas, odontológicas e jurídicas;

b) — Aplicação de injeções e curativos.

c) — Exame pré-natal.

§ 2.º — 12 meses após a sua admissão:

a) — Consultas médicas e odontológicas para si e sua família, exames de laboratório e radiografias para os associados;

b) — Auxílio-enfermidade de trata o § 1.º do art. 1.º.

c) — Assistência médica no domicílio, para si e sua família.

§ 3.º — 18 meses após a sua admissão:

a) — Assistência cirúrgica;

b) — Assistência odontológica e obstétrica para si e sua família;

c) — Internação, em quarto de 2.ª classe, em hospital designado pela Diretoria, sempre que assim o julgue necessário um médico do Departamento, exceto os que sofram de moléstias mentais, contagiosas e venereas, deixando, outrossim, o associado de

Realizou-se no dia 21 de Janeiro do corrente ano, no salão do Gremio Dramático Hispano-Americano, à rua do Gasometro, 738, uma assembléia geral extraordinária cujo ponto principal constou da discussão e aprovação dos estatutos do Departamento Beneficente do Stig, de acôrdo com a resolução da assembléia de 27 de Novembro passado.

A Comissão designada pela diretoria para proceder à reforma dos Estatutos, integrada pelos companheiros Luiz Marcondes, Antonio Nagy e Adolfo Fernandes, apresentou o trabalho elaborado, o qual, após ser submetido à apreciação dos presentes e amplamente discutido por todos, sofreu ligeiras modificações aprovadas pela casa.

A diretoria do Sindicato, agradecendo à comissão acima citada o trabalho apresentado, congratula-se com os companheiros presentes à magna reunião pelo feliz resultado da assembléia, passando a apresentar aos gráficos sindicalizados os Estatutos do Departamento Beneficente de nossa organização.

perceber as vantagens do § 1.º do art. 1.º;

d) — Auxílio para funerais;

e) — Tratamento radioterápico.

### ASSISTENCIA ODONTOLÓGICA

Art. 3.º — A assistência odontológica compreende:

a) — Extração de dentes e obturações, limpeza de tartaro, abertura de abscessos e curativos;

b) — Serviços de prótese, desde que reembolsem os cofres do Sindicato das quantias despendidas com o material empregado, com o acréscimo de 10%.

### ASSISTENCIA OBSTÉTRICA

Art. 4.º — A assistência obstétrica (partos) será gratuita para as associadas. As esposas dos associados gozarão do desconto concedido pela Maternidade, ficando as despesas a seu cargo.

### LABORATORIOS DE ANALISES E RADIOGRAFIAS

Art. 5.º — Para exames de sangue, feses, urina, bilis, radiografias, etc., as famílias dos associados gozarão dos descontos feitos pelos laboratórios.

Art. 6.º — Os associados e suas famílias serão atendidos, nos dias úteis, no respectivo consultório, das 14 às 18 horas, por um médico de clinica geral.

§ 1.º — Não sendo a moléstia da alçada do facultativo da clinica geral, será o enfermo enviado a um médico do quadro social, da especialidade.

§ 2.º — O médico da clinica geral atenderá a chamados no domicilio, participando à Diretoria os abusos que verificar, quando o estado de saúde no enfermo não o impossibilite de ir ao consultório.

§ 3.º — Verificando o abuso, o associado será convidado a indenizar os cofres sociais da despesa acarretada, sendo punido, a juízo da Diretoria, se o não fizer.

§ 4.º — Quando o associado, por qualquer motivo, recorrer a profissional estranho ao quadro social, o pagamento ao mesmo ficará a seu cargo.

§ 5.º — Haverá, além da clinica geral, as seguintes especialidades:

a) — doenças do pulmão;

b) — doenças dos olhos;

c) — doenças dos ouvidos, nariz e garganta;

d) — doenças da pele;

e) — fraturas e luxações;

f) — laboratório de exames clínicos;

g) — instituto de radioterapia.

Art. 7.º — Considera-se familia do associado:

a) — Esposa e filhos menores de 16 anos, (e filhas enquanto solteiras), (legítimos, naturais ou adotivos), uma vez que residam em companhia do associado e não exerçam qualquer profissão remunerada;

b) — Pai e mãe, irmãos menores ou inválidos, sempre que o seu sustento esteja a cargo do associado.

c) — As companheiras dos associados, que com eles convivam por mais de 2 anos, sendo para esse fim equiparadas às esposas.

Art. 8.º — Nenhum membro da familia do associado poderá obter os socorros sociais desde que não esteja devidamente registrado no fichario para esse fim organizado.

Art. 9.º — O auxílio à familia dos associados consiste em consultas e visitas médicas, serviços odontológicos, exame pré-natal, aplicações de injeções e curativos, não abrangendo qualquer outro auxílio.

### PERDA DE DIREITOS

Art. 10.º — Ficará com os direitos conferidos por estes estatutos suspensos, o associado que:

a) — obtiver ou tentar obter os benefícios do Departamento para si ou para outrem por, meio de fraude;

b) — mudar de profissão;

c) — Até o dia 10 (dez) de cada mês não estiver de posse de seu recibo associativo, sem motivo justificado;

d) — promover desordem ou desacato ao Departamento Beneficente, ou desacreditar os seus serviços;

e) — transgredir as prescrições médicas.

### DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 11.º — O diretor ou funcionário que facilitar aos associados a obtenção dos direitos destes estatutos sem que esteja quite com o Sindicato, será obrigado a indenizar os cofres sociais das despesas acarretadas.

Art. 12 — Quando a receita não comportar os socorros constantes destes estatutos, a Diretoria convocará uma assembléia geral, que por sua vez poderá determinar que sejam restringidos os aludidos socorros.

§ único — Quando a necessidade demonstrar a impraticabilidade de quaisquer de seus artigos, a diretoria nomeará uma comissão que depois de examinar os artigos impraticáveis, apresentará o seu parecer, que será discutido em Assembléia Geral.

Art. 13.º — Este Departamento será dirigido por uma comissão nomeada pela Diretoria do Sindicato.

Art. 14.º — Os casos omissos nestes Estatutos serão resolvidos pela Diretoria do Sindicato.

Art. 15.º — Os presentes Estatutos entrarão em vigor na data de sua aprovação.

— :: —

### ATENÇÃO, COMPANHEIROS!

O Departamento Beneficente chama a atenção dos companheiros para o artigo 8.º dos Estatutos Beneficentes, assim redigidos:

"Nenhum membro da familia do associado poderá obter os socorros sociais, desde que não esteja devidamente registrado no fichario para esse fim organizado".

Portanto, companheiros, vós e vossas familias deveis comparecer à séde do Sindicato e registrar-vos.

No proprio interêsse, os companheiros associados devem conservar esta página

# Companheiros: Ingressai em massa no Sindicato!

## Qual a Constituição em vigor? As comemorações de hoje

Apesar de termos uma Constituição democrática, promulgada solenemente em 18 de Setembro do ano findo, tendo reingressado, portanto, a coletividade brasileira, no regime democrático, do qual se manteve afastada por longos anos, subjugada pelo tacão do chamado Estado Novo, a situação dos sindicatos operários continua sendo a mesma de tempos atrás, quando reinava sobre a vontade dos brasileiros o homem cujo sorriso se tornou conhecido de norte a sul do país.

A prova do que afirmamos nos tem sido abundantemente fornecida durante os meses decorridos da data da promulgação da nova Carta Magna, por uma série de abusos e intromissões descabidas das autoridades do Ministério do Trabalho e da polícia política na vida interna das organizações sindicais. A três por dois a ação policial ou ministerial se tem feito sentir com o máximo rigor nos organismos defensores dos direitos dos trabalhadores.

Quase que diariamente os jornais nos dão ciência da intervenção dos representantes do Ministério do Trabalho e da polícia em assembléias convocadas por sindicatos operários, arbitrariedade essa que se procura justificar invocando artigos da Constituição de 1937, que, pelo que se vê, ainda está em vigor na parte que se relaciona com a vida sindical.

Em circular ha pouco distribuída aos sindicatos pelo Departamento Estadual do Trabalho, dá-se conhecimento, para os devidos fins, da recomendação feita pelo Ministro da Justiça ao Interventor Federal, no sentido de proibir aos sindicatos reconhecidos pelo Ministério do Trabalho toda e qualquer relação com entidades não oficiais. A intenção é clara: cercar aos organismos sindicais um direito consagrado na nova Constituição, a qual garante a liberdade e autonomia sem restrições.

Mas não param aí as atitudes anti-constitucionais das autoridades trabalhistas. Diretorias, cujo mandato terminou há meses, estão sendo forçadas a permanecer nos cargos, dado que o Departamento Estadual do Trabalho baixou ordens terminantemente proibitivas de se proceder a novas eleições.

Um caso dos mais recentes que corroboram o que acima escrevemos, é o do Sindicato dos Empregados em Hotéis e Similares, que tendo convocado eleições, as quais deveriam ter sido realizadas no dia 8 de Janeiro, recebeu um aviso das autoridades trabalhistas de que as eleições, caso fossem realizadas, não seriam reconhecidas pelo Departamento, o qual, além disso, consideraria caduco o mandato da atual diretoria, nomeando a seguir um interventor para o sindicato.

Francamente, os fatos acima enumerados, além de muitos outros que seria ocioso mencionar, representam um formal desmentido aos que afirmam aos quatro ventos que no Brasil existe a Democracia, palavra muito a miude empregada pelos demagogos e farsantes que vivem sob a proteção dos poderosos que nos sugam o sangue diariamente. E' o próprio Ministério do Trabalho o primeiro a desrespeitar a Constituição de 1946, quando, como justificativa para sua intromissão na vida dos sindicatos, invoca artigos de lei constantes da Carta Fascista de 37.

Já é tempo de se pôr um para-

deiro a semelhante estado de coisas. Não mais é tolerável a incômoda vigilância exercida sobre as organizações dos trabalhadores, a exemplo do que se fazia sob o reinado do "Pai dos pobres". Cumpre aos organismos sindicais iniciar uma ação conjunta no sentido de fazer com que as autoridades trabalhistas não ultrapassem os limites do que prescreve a nossa Carta

Magna, para o bem da consolidação da Democracia renascida em nossa terra a 18 de Setembro do ano passado.

Devemos fazer compreender aos remanescentes do nefasto Estado Novo que a Constituição de 37 já foi sepultada e que os destinos políticos dos brasileiros se norteiam pela Carta Magna de 1946.

PEDRO VIADERO

## UM VASTO CURRAL

Assis Chateaubriand

"PETROPOLIS — Quitandinha, 31 de dezembro — Partiu o sr. Nelson Rockefeller, há 4 semanas, do Brasil, e já não se fala mais da missão que o trouxe ao Rio e a S. Paulo. Dir-se-ia um capítulo encerrado das nossas cogitações a reabilitação do meio rural, sugere nos planos do filantropo americano. Só se fala hoje em eleições, e só se discutem indivíduos. Não há uma tese ou um princípio em debate, e menos um programa, a fim de soerguer a terra brasileira ao nível de prosperidade indispensável ao seu relativo equilíbrio econômico. A Argentina nos está dando, até no campo industrial, poeira de cegar. Só se pensa aqui em elevação de salários, aumento de preços e descanso para o trabalhador.

Em numerosas indústrias deixa-se de trabalhar dois dias da semana. Dizia-me, há pouco, um operário linotipista, que não tinha necessidade de produzir 2.500 linhas para viver. Bastavam-lhe 1.200. Com uma "Relampago" nas mãos, podendo dar 3.000 linhas em 6 horas, esse homem tira da sua máquina a aperfeiçoadíssima quase 1/3 menos do rendimento que ela produz normalmente nos Estados Unidos. Na América do Norte, uma "Relampago" dá entre 3.000 e 3.500 linhas, no mesmo espaço de tempo que no Brasil ela oferece em média 1.200 e 1.500, manejada pelos trabalhadores da era getuliana.

Uma das pragas do consulado Vargas, e que ainda rói a economia nacional, e o estímulo que o ditador dava ao

absenteísmo nas fábricas. Fomento de popularidade, querendo dos trabalhadores um "bill de indenidade" para as suas tropelias contra a Constituição, o caudilho gaúcho nunca se preocupou com o ritmo e a eficiência do trabalho nas indústrias e no campo. Sua política era uma só: emitir, levantar salários e suspender preços. O resto, que era o Brasil, que se arranjassem. Nunca vimos o Ministério do Trabalho procurando inculcar no operário o senso da responsabilidade. Ou seja, que o maior salário importava no maior volume e na melhor qualidade de produção.

Era impotente o chefe de ditadura para ver que o aumento dos salários puxava o encarecimento da vida, desde que ele não fosse seguido do aumento

e da melhoria da produção. Fechava-se hermético o sr. Getúlio Vargas no círculo do salário nominal. Dinheiro, muito. Mas coisas a comprar, poucas, porque no seu governo, cada vez mais se trabalhava menos. Em Londres, nos meios jornalísticos, que frequentei, todo mundo ria quando eu lhe falava da jornada de cinco horas da imprensa no Brasil. No "Daily Express", um reporter fez questão que eu lhe escrevesse o nome de Vargas, para que ele guardasse a memória desse pitoresco chefe de Estado".

Deixamos de publicar o restante do artigo assinado pelo diretor dos "Diários Associados", que, embora interessante, não se enquadra no assunto em foco. Assim, pois, limitamo-nos a dar a devida

## Réplica ao artigo acima

S. PAULO — Cocheirinha, data da publicação do artigo "Um vasto curral". — Prezado dr. Assis Chateaubriand. Tendo lido vosso artigo supra, o dever de lealdade de grafico me obriga a esclarecer-vos sobre assunto que diz respeito a nós, da oficina, a vós, da alta direção da empresa, e aos leitores em geral, devido à larga repercussão que vossos artigos costumam ter. Disse-vos um trefego linotipeiro (no artigo, por lamentável cochilo, saiu linotipista, pois tal jamais vos poderia transmitir informação tão errada), que "não tinha necessidade de produzir mais 2.500 linhas para viver. Bastavam-lhe 1.200". Vamos raciocinar um pouco, doutor. Há 10 a 15 anos atrás ganhava aquele linotipeiro 20 réis a linha simples, o que, para 2.500 linhas, perfaz a respeitável quantia de 50 mil réis para a época. Hoje está ele a 30 réis (Cr\$ 0,03) a linha, isto é, 50% a mais sobre o preço de então, ao passo que o custo de vida quadruplicou, calculado por baixo. Pois bem, 1.200 linhas a 30 réis — fazei a conta, doutor — dão 36\$000! É possível a um cristão viver com isso? Não dá nem para o aluguel de uma casa, hoje em dia, para quem for obrigado a mudar-se. Outra coisa, doutor: 3.000 linhas (sem "pinhoca", bem entendido) em seis horas dão 500 fundições horárias. Sinceramente, acreditais em tal disparate? "Na América do Norte, uma "Relampago" (mas é!) dá 3.000 a 3.500 linhas, no mesmo espaço de tempo (6 horas) que no Brasil ela oferece em média 1.200 e 1.500, manejada pelos trabalhadores da era getuliana". Dr. Bandeira de Melo, se vós não evitasseis a oficina de jornal como o diabo foge à cruz, estarieis muito melhor enfronhado neste particular. Explico: pode uma linotipe, conforme o numero de dentes da "roseta" na engrenagem do motor, dar durante 6 horas de funcionamento (não enguinchando uma vez sequer) cerca de 2.480 linhas (420 por hora). Mas isso só no catalogo! Na realidade, porém, não pode sustentar eternamente a "rotativa" (não confundir com a máquina de impressão), pois há paradas obrigatórias para limpeza da boca da caldeira a fim de evitar "chumbadas" que forçosamente desfalcam a pletora da produção. Isto no que se refere a "linhas brancas", para montagem de "clichés", serviço puramente mecânico, a cargo de aprendizes. Na composição propriamente dita, o caso já muda de figura. É preciso ao operador levantar-se da cadeira, levar a composição feita à estante do tirador de provas, buscar original na mesa da chefia (no caso do nosso DIÁRIO verdadeira ação de "comando" devido à exiguidade de espaço vital e a consequente aglomeração dos labutadores), voltar à máquina e recommear sua tarefa. Quanto menor o original, tanto mais interrupções na fluência da produção. E se o original, por exemplo, for de vosso próprio punho, doutor? Fazei idéia! Nem Champolion seria capaz de conservar um ritmo acelerado na interpretação de vossos ilustres hieroglifos ultra-enigmáticos. Estais de acordo, dr. Assis?

Agora, entre nós: os americanos são uns bichos, ótimos propagandistas de seus produtos e de sua gente. Sabem convencer e empurrar. São uns super-homens... para as

suas negras (deles)! A nós não nos embrulham, porque entendemos também um bocado do riscado. Começa que nos Estados Unidos, os graficos, como em todos os países de adiantada civilização, trabalham por ordenado e não por tarefa, salvo palidas exceções. Lá há categorias e ótimos ordenados. Resultado: apresentação de serviço perfeito e mínimo de estrago de material, o que redundaria, em ultima análise, em respeitável economia para as respectivas empresas!! Nisso, sim, eles são superiores; não por amor ao proximo, mas em proveito de sua burra. Tudo conveniencia, doutor.

Variando e aproveitando a "era getuliana": vós vos insurgis contra a lei das cinco horas para os jornalistas. Em parte, pensando pela cabeça do patrão, posso perfeitamente compreender. Mas, espieemos pela outra face do prisma: a lei das "5 horas de jornada da imprensa no Brasil" seria uma gloria, não fosse ela (como todas as leis, aliás) desvirtuada, por um motivo ou por outro. Por que? Porque quer-me parecer que o espirito da lei é o seguinte: No nosso país, grande parte, senão a maioria dos jornalistas, se tem feito por si, sem possuir cursos secundarios. O periodo de trabalho de 5 horas, com um ordenado condizente à época, facultaria aos profissionais da pena frequentar cursos superiores, estudar linguas, tomar de livros e adquirir mais vasto cabedal de saber, tão necessário à nobre profissão. Certo? Se houve alguns profissionais que preferiram atirar-se nas horas vagas furiosamente ao "pif-paf" ou acharam que a lei fôra feita exclusivamente para proporcionar-lhes oportunidade de acumular dois empregos, isso é coisa diferente, que não deverá desmerecer a boa intenção de seu criador. Em 5 horas, plenamente aproveitadas, um jornalista competente e esforçado produz o bastante para satisfazer a qualquer empregador, inclusive a vós, doutor. Tenho certeza disso.

Outra coisa, a qual não se refere exatamente ao vosso artigo, mas à propaganda do nosso jornal. Citou a mesma que o DIÁRIO seria em breve impresso em 10 rotativas! Estaria nisso também o dedo do linotipeiro errado? São 10 corpos de maquina: 6 daquelas a ser montadas ainda e 4 da que está rodando atualmente. Confere?

Já é demais, dr. Assis. Em vosso lugar, sabeis o que eu faria? Levaria esse amigo da onça ao ultimo andar do vosso predio da 7 de Abril e, sem piedade alguma, o atiraria ao quintal! Mas sei que tendes coração nobre (haja vista ao belo exemplo que demonstrastes aos patrões empedernidos da nossa era post-getuliana, concedendo a varios empregados dedicados dos "Assiciados" do Norte, Centro e Sul do país, como premio-estímulo de fim de ano — não foreis, vós, entusiasta da aviação! — deliciosa viagem aerea e estada gratuita e amavel na romantica Piratininga), sei que tendes coração nobre e de certo custeareis um curso do SENAI ao infeliz informador, para que se aperfeiçoe bastante e depois ouze chegar à vossa presença e dar palpites...

Atenciosamente, FREDERICO ADENSOHN, um vosso linotipista.